

JOÃO LUÍS CARDOSO

O CASTRO
DE
LECEIA



OEIRAS

1 9 8 2

FICHA TÉCNICA:

Desenhos do *Autor*

Coordenação de *Saete Salvado*

Assistência Técnica de *Alfredo Theodoro*

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS — 1982

A edição deste trabalho foi deliberada por unanimidade na sessão de Câmara de 4 de Agosto 1982, sob proposta do Vereador Saete Salvado.

ÍNDICE

1 — Introdução	7
2 — Matéria-prima e técnica utilizada na cerâmica	8
3 — Inventário de formas e de tipos de decoração	9
3. 1 — <i>Cerâmica lisa</i> (sem incluir a cerâmica mamilada com pegas ou asas perfuradas)	9
3. 2 — <i>Cerâmica mamilada</i> (sem incluir a simbólica), <i>com pegas ou asas perfuradas</i>	12
3. 3 — <i>Cerâmicas com decoração plástica</i> (cordões em relevo)	14
3. 4 — <i>Cerâmica decorada a ponteados</i>	15
3. 5 — <i>Cerâmica com decoração impressa</i>	16
3. 6 — <i>Cerâmica incisa a traço fino</i>	19
3. 7 — <i>Vasos de bordo denteado</i>	20
3. 8 — <i>Cerâmica canelada</i> (copos e taças)	22
3. 9 — <i>Cerâmica decorada interiormente</i>	26
3.10 — <i>Cerâmica decorada com sulcos largos e profundos</i>	27
3.11 — <i>Cerâmicas campaniformes</i>	28
3.12 — <i>Cerâmica industrial</i>	29
3.13 — <i>Cerâmica simbólica</i>	31
3.14 — <i>Cerâmica de retícula brunida</i>	32
Estampas	33
4 — Conclusões gerais	41
Bibliografia	48

1 — Introdução

O trabalho agora apresentado, é complemento do estudo global da colecção do Escultor Álvaro de Brée, que constitui o mais rico conjunto de artefactos do povoado pré-histórico de Leceia (freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, distrito de Lisboa) (1), a qual, mediante autorização concedida por M.^{me} de Brée, a quem muito agradecemos, foi por nós estudada (2). Na fig. 1 da est. I, o local está representado por um triângulo, dentre os povoados do baixo Tejo e Sado mais importantes.

Dada a riqueza e variedade de tipos cerâmicos, que ali fomos encontrar, decidimo-nos pela elaboração de trabalho específico sobre o assunto, onde pudéssemos tecer comentários desenvolvidos, que não teriam cabimento em estudo como o realizado anteriormente.

Conforme então referimos, a cerâmica é, no conjunto do espólio de qualquer povoado pré-histórico, dos elementos que mais informações nos pode dar acerca das diversas fases culturais vividas ao longo dos séculos pelos seus sucessivos habitantes. Na colecção de Brée, infelizmente, não se conhece para nenhum dos fragmentos, referências estratigráficas (a maioria foram colhidos à superfície), embora muitos, à semelhança do verificado noutros artefactos, possuam película mais ou menos aderente de cinzas, indício de terem estado longamente em estratos arqueológicos. As conclusões apresentadas, são, por con-

(1) As suas coordenadas são as seguintes: 38° 43' 46", 22 lat. N..

(2) Este estudo foi publicado na Revista de Guimarães. A 1.ª parte dele publicada no vol. XC, de 1980. A 2.ª parte veio a lume no vol. XCI, de 1981.

sequência, baseadas noutras estações com estratigrafia conhecida. Limitámo-nos, assim, a trabalho meramente comparativo, em que não houve a preocupação (aliás impossível de satisfazer) de sermos exaustivos, citando apenas para cada caso, as jazidas que nos pareceram mais importantes ou significativas. A divisão apresentada, foi baseada no reconhecimento empírico das principais formas e tipos de decoração, segundo designações consagradas por outros autores. Ela visou apenas uma melhor ordenação das nossas observações.

2 — Matéria-prima e técnica utilizada na cerâmica

Começaremos o estudo da cerâmica de Leceia, pela análise sumária da matéria-prima utilizada na confecção dos recipientes, assim como da técnica e dos acabamentos que estes ostentam.

Verifica-se que as pastas, salvo as finas, apresentam abundantes grãos de quartzo e de feldspato, além de palhetas de mica, mais raras.

De facto, nas cerâmicas de Leceia, observam-se, mais raramente, outros elementos não plásticos tais como romboedros de calcite, ou ainda cristais de piroxena, os últimos dos quais poderam indicar, para os respectivos fragmentos onde ocorrem, uma origem da matéria-prima no «Complexo basáltico de Lisboa», que aflora na encosta fronteira ao castro.

Nos exemplares finos da chamada «cerâmica importada», por alguns autores, observámos, tal como já anteriormente o tinha feito V. Leisner *et al.* (1969), abundância de mica dourada (provavelmente vermiculite), em pequenas palhetas, dispersas na pasta, a qual é, por seu turno, muito rija e compacta; por outro lado, o acabamento destes vasos contrasta com o dos restantes, por ser muito mais cuidado: os exemplares apresentam em geral as paredes finas, o que era conseguido por desempenamento feito com ponta romba, que as ia progressivamente adelgaçando, ao mesmo tempo que nelas deixava estrias sub-horizontais, quase imperceptíveis, que é preciso não confundir com decorações. Nestes vasos, cujas formas principais são as taças hemisféricas e os chamados «copos», ocorrendo acessoriamente o prato baixo, observa-se ainda, por vezes, uma aguada ou engobe, anegrado ou avermelhado, um pouco brilhante, destinado a conferir maior resistência à superfície interna e externa deles.

3 — Inventário de formas e de tipos de decoração

3.1 — *Cerâmica lisa* (sem incluir a cerâmica mamilada, com pegas ou asas perfuradas) — II, 13 a 19; III, 21, 23 e 24

A colecção de Brée contém escassos exemplares de cerâmica lisa, pois seria a que menos interesse despertaria na altura. Inventariaram-se apenas 86 fragmentos, correspondentes quase sempre a bordos. Saliente-se todavia a extraordinária riqueza de cerâmica lisa neste povoado: nós próprios, no decurso dos anos, recolhemos mais de 1000 bordos de recipientes diversos. De mencionar, a propósito, que a percentagem de cerâmica decorada, no povoado coevo de Vila Nova de S. Pedro, no seu conjunto, é mínima, não passando de 3 %, relativamente à lisa, na hipótese mais favorável (Paço *et al.*, 1945). No castro da Rotura, onde, pelo contrário, se fizeram cuidadosas observações estratigráficas, a percentagem de cerâmica decorada aumenta progressivamente, dos níveis mais antigos, para os mais recentes (Silva, 1971).

Na cerâmica lisa do povoado de Leceia, sobressaem as taças hemisféricas e carenadas e ainda raros exemplares de pratos. Contudo, estas formas não deveriam ser originalmente as mais importantes, atendendo ao extraordinário número e variedade de bordos de vasos, muitos deles de grandes dimensões, difíceis de se reconstituírem, quanto à forma.

Na análise das três formas principais antes referidas, assumem particular importância os resultados obtidos na Praia das Maças, atendendo às condições particularíssimas que determinaram a coalescência de um «tholos» com um monumento mais antigo, parcialmente escavado na rocha. Nesta estação, os vasos esféricos, hemisféricos e carenados, constituem o tipo mais antigo de todo o conjunto (Leisner *et al.*, 1969; Gonçalves, 1979). Dentre os vasos carenados, os de parede baixa, direita e ligeiramente inclinada, são típicos do sector ocidental e portanto os mais antigos. É também notável a frequência do grande prato, no «tholos», representado por alguns exemplares de bordos em Leceia, em geral de fino acabamento; trata-se de forma frequente na região cuprífera do SW espanhol, encontrando-se também bem representada nos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve — designada por «pratos de bordo sem espessamento» (Silva *et al.*, 1976/77). L. Monteagudo (1966), na tentativa de estabelecer cronologia para a Idade do Cobre portuguesa, admitiu que as taças care-

nadas e as hemisféricas, recolhidas no referido «tholos», acompanhavam os grandes ídolos cilíndricos e os recipientes de osso, mármore ou calcário. A utilização destas formas, ter-se-ia prolongado ainda pelo período de ocupação campaniforme do monumento. A acentuar este ponto de vista, há o facto de se terem encontrado estas formas em variadas jazidas do litoral ocidental, pertencentes a horizontes cronológico-culturais diversos. A título de exemplo, mencionaremos as seguintes:

grutas naturais:

Lapa da Bugalheira — as taças carenadas acompanhavam bordos denteados, asas perfuradas verticalmente e cerâmica mamilada simbólica (Paço *et al.*, 1971);

Lapa do Fumo — as taças carenadas foram recolhidas em estrato selado, com espólio de feição dolménica, datado pelo ^{14}C de 3090 ± 160 a. C (Serrão *et al.*, 1971).

grutas artificiais:

Ermegeira (Heleno, 1942);

Carenque (Heleno, 1933);

S. Pedro do Estoril (Leisner *et al.*, 1964);

Alapraia (Paço, 1955);

Palmela (Leisner *et al.*, 1961).

«tholoi»:

Barro (Ferreira, 1966);

Serra das Mutelas (Correia, 1914);

Monge (Ribeiro, 1880).

Dólmenes nos arredores de Lisboa:

Monte Abraão (Ribeiro, 1880);

Penedo (Vaultier *et al.*, 1951);

Casaínhos (Leisner *et al.*, 1969);

Trigache (Leisner *et al.*, 1961).

Nos monumentos dolménicos da região de Reguengos, onde se conhece uma multiplicidade de variantes de vasos carenados, esféricos e hemisféricos, reconheceu-se que os primeiros, de perfil suavemente carenado, ocorriam nas antas de espólio do Neolítico avançado,

ao passo que os vasos de menores dimensões, carenados ou esféricos, pertenciam já à fase inicial ou plena do Calcolítico da mesma região, como se vê pelo achados no «tholos» da Farisoa (Leisner, 1951).

Quanto aos povoados, no da Rotura, que é um dos poucos onde até agora a cerâmica lisa foi criteriosamente estudada, concluiu-se (Silva, 1971), que os vasos esféricos e hemisféricos, derivavam dos já conhecidos no Neolítico da região⁽¹⁾, coexistindo com a «cerâmica de importação» calcolítica, tal como o verificado na gruta II de S. Pedro do Estoril, a qual surge logo no nível inferior daquele povoado. Nos povoados da Parede, Vila Nova de S. Pedro e Zambujal, ocorrem em ambientes de transição, ou já calcolíticos.

Vasos esféricos altos, frequentemente com mamilos de preensão alongados junto do bordo, foram ultimamente dados a conhecer nos horizontes pertencentes ao Calcolítico inicial dos povoados do Baixo Alentejo e Algarve (Horizonte de Vale Pincel II, Silva *et al.*, 1976/77), encontrando-se ausentes, tal como as taças carenadas, no Calcolítico pleno daquela região (Horizonte de Monte Novo).

Resumindo, tanto as taças carenadas como as hemisféricas, são formas que derivam pelo menos do Neolítico médio-superior, tendo sobrevivido ininterruptamente ao longo de todo o Calcolítico, e as últimas, pelo menos, atingido o período campaniforme, a aceitarmos as conclusões de L. Monteagudo (1966).

É frequente observarem-se em taças ou vasos esféricos, hemisféricos ou carenados, perfurações destinadas à suspensão. Ora, segundo V. Leisner *et al.* (1964), o vaso esférico com perfurações junto do bordo, tem analogias com a cerâmica chasséense e de Almeria, em que se conhecem ainda outras maneiras de preensão dos vasos (mamilos, pegas, asinhas, etc.), referidas a seguir, as quais persistem até muito tardiamente. Antes, saliente-se a existência de taça hemisférica fragmentada (II, 17), representada por dois pedaços, curiosamente recolhidos à superfície, a muitos anos de distância: um, por nós; outro, por A. de Brée. Mas o mais interessante desta peça, é que ela já se encontrava fragmentada, à data da sua utilização. Com efeito, as duas perfurações situadas de ambos os bordos da antiga fractura, serviam para a fixação de fibra, destinada a unir ambos os fragmentos. Conhece-se exemplares análogos de taças hemisféricas,

(1) Em Olelas, por exemplo.

dos seguintes locais, para além de um «vaso de provisões», proveniente do «tholos» de Pai Mogo (Gallay *et al.*, 1973):

castro do Pico Agudo (Spindler, 1971);
grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (Leisner *et al.*, 1964);
gruta natural de Eira Pedrinha (Correia *et al.*, 1949);

3.2 — *Cerâmica mamilada* (sem incluir a simbólica), *com pegas ou asas perfuradas* — I, 7, 8, 9 e 12

A cerâmica mamilada ou com pegas, perfuradas ou não, é um dos elementos mais característicos dos espólios neolíticos ou de feição neolítica, das necrópoles e povoados do ocidente da Península. Já em 1951, G. e V. Leisner, incluíam, no Neolítico avançado das antas de Reguengos, além da cerâmica carenada, antes vista, toda a espécie de mamilos, incluindo os perfurados; outra fase, já calcolítica, englobava os vasos esféricos e carenados, de menores dimensões, como atrás referimos e os mamilos decorativos e simbólicos. Ainda segundo aqueles autores, as protuberâncias alongadas, implantadas paralelamente ao bordo dos vasos de grande formato, de que se conhecem alguns exemplares de Leceia (I, 9), poderiam incluir-se no grupo das cerâmicas neolíticas. No caso dos nossos exemplares, dada a falta de estratigrafia conhecida para eles, não lhes podemos atribuir com segurança a idade, visto ser grande a semelhança das formas referidas com outras, pertencentes ao horizonte da cerâmica brunida do Bronze final, das estações da Estremadura e dalgumas jazidas alentejanas, como por exemplo a de Cerradinha (Silva *et al.*, 1978); quanto às da Estremadura, que forneceram fragmentos de cerâmica idênticos, são de referir os *habítats* do Bronze final de Cabeço do Jardo e de Pragança (Spindler *et al.*, 1973 - 1974), todos eles pertencentes a grandes vasos «de provisões».

Reportando-nos às restantes formas de cerâmica mamilada, temos de salientar as seguintes jazidas:

Grutas naturais:

Lapa da Galinha — associada a formas predominantemente lisas (dolménicas) e a cordões em relevo decorados com incisões (Sá, 1959);

Lapa do Suão — associada a cerâmica impressa, com unhas, decorada a ponteados ou com cordões em relevo incisivos (Furtado *et al.*, 1969);

Gruta da nascente do rio Almonda (Paço *et al.*, 1974);

Gruta da Furninha (Delgado, 1884);

Gruta da Eira Pedrinha (Corrêa, 1949);

Lapa do Fumo, onde foi encontrada em horizonte já referido, datado de 3090 ± 160 a. C. (Serrão, 1971).

Além da ocorrência em grutas naturais, a cerâmica mamilada assume também assinalada importância nalguns povoados claramente neolíticos ou com ocupação neolítica.

Salientamos os seguintes:

Cabeço do Pez — concheiro com ocupação neolítica, situado no vale do Sado (Santos *et al.*, 1974), onde o referido tipo de cerâmica apareceu em associação com a decoração plástica de cordões em relevo, considerada como pertencente a um momento determinado do Neolítico antigo português, conservando muitas afinidades com a do Neolítico antigo não cardial;

Vale Pincel I — cerâmica mamilada, associada a cerâmica impressa e plástica, decorada por cordões em relevo incisos. Este *habitat*, foi incluído no Neolítico antigo com cardial (Soares *et al.*, 1979).

Salemas — a cerâmica deste grupo encontrava-se associada a bordos denteados, cerâmica decorada a ponteados, etc. (Ferreira *et al.*, 1967);

Olelas — da camada B do monumento I, conhecem-se abundantes asas perfuradas, mamilos, cerâmica incisa, etc; da camada A do mesmo monumento, provêm igualmente cerâmicas perfuradas e mamiladas, além das características asas bilobadas, claramente neolíticas, de mistura com cerâmicas campaniformes (Serrão *et al.*, 1958);

Parede — a cerâmica mamilada encontrava-se associada, no estrato mais antigo deste povoado, a bordos denteados, cerâmica decorada no interior, «copos» e taças caneladas (Paço, 1964);

Grupo de *habitats* da região de Figueira da Foz (Junqueira, Várzea do Lírio, Forno da Cal) — mamilos, pegas horizontais e asas, associados a cerâmica impressa (incluindo a cardial), sulcada profundamente ou incisa a traço fino, com decoração plástica (cordões ovais, oblíquos, na parte média do vaso). Embora se consigam distinguir duas linhas distintas, denunciadas pelas cerâmicas destes *habitats*, elas podem-se incluir no Neolítico antigo de cerâmicas impressas de tradição circum-mediterrânica (Jorge, 1979).

Cabranosa (Sagres) — Vários tipos de pegas com perfurações horizontais, associadas a formas e tipos decorativos característicos do Neolítico antigo português (Ferreira *et al.*, s/d).

Em resumo, podemos apontar *grosso modo* para a cerâmica mamilada ou com pegas e ainda para as asas perfuradas, uma incidência máxima em jazidas neolíticas (onde é conhecida desde o Neolítico antigo), persistindo, ainda de forma expressiva, sob algumas das suas formas, no Calcolítico inicial, de que é exemplo o povoado da Comporta — Setúbal (Ribeiro *et al.*, 1967). As pegas alongadas, paralelas ao bordo, ocorrentes em vasos de grandes dimensões, persistiram mesmo até muito mais tarde, conforme mostram as jazidas do Bronze final (horizonte da cerâmica brunida) da Estremadura e algumas do Alentejo, onde foram assinaladas.

3.3 — Cerâmica com decoração plástica (cordões em relevo) — IV, 44

Como se conclui das nossas observações anteriores, a cerâmica decorada com cordões em relevo, comum nos recipientes em calote de esfera e nos esféricos altos (sacos), os quais, por sua vez, podem exibir decoração incisa ou impressa, encontra-se particularmente representada em conjuntos datados do Neolítico antigo, de que são exemplo os *habitats* de Cabranosa — Sagres (Ferreira *et al.*, s/d), de Vale Pincel I (Soares *et al.*, 1979), no Alentejo litoral, ou os da região da Figueira da Foz (Jorge, 1979); no *habitat* (concheiro) do Cabeço do Pez (Vale do Sado), surgiu associada a cerâmica mamilada e a decorações impressas, cujos motivos ornamentais as fazem aproximar das cerâmicas do Neolítico antigo não cardial norte-africano (Santos *et al.*, 1974) (1). Em Portugal, segundo os autores referidos, tem sido referenciada em estações do litoral, em especial grutas naturais, tendo sido encontrada *in situ* em camada anterior à do «horizonte megalítico» da Lapa do Fumo, datada de 3090 ± 160 a. C. (Serrão *et al.*, 1971). Em povoados, para além dos já citados, são de referir ocorrências no das Salemas (Ferreira *et al.*, 1967) e em Carnaxide (Andrade *et al.*, 1959), que podemos atribuir a estágio médio a evoluído-final do Neolítico. Por certo que a decoração plástica por cordões em relevo, por vezes incisos, sobreviveu, embora muito raramente, no Calcolítico, como prova a ocorrência de fragmento de vaso esférico, oriundo do *tholos* de Santiago do Escoural, onde aliás

(1) J. Guilaine (1970), incluiu-a no ciclo cardial do Mediterrâneo ocidental.

foram recolhidos outros elementos arcaizantes, como taças carenadas de parede baixa, pontas de seta de base pedunculada e numerosíssimas placas gravadas de xisto (Santos *et al.*, 1969).

3.4 — Cerâmica decorada a ponteadado ⁽¹⁾ — IV, 43 e 45

Tal como os grupos cerâmicos atrás vistos, também a cerâmica decorada a ponteadado tem nítidas raízes neolíticas. De facto, já em 1951, os Leisner faziam derivar do Chasseense, a cerâmica ponteadada, por eles recolhida nas antas da região de Reguengos. As raízes da cerâmica decorada a ponteadado, podem-se ir ainda buscar mais longe, ao próprio Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental (Guilaine, 1970). Também em Portugal, se conhecem ocorrências deste tipo de decoração em diversos tipos de estações, tais como:

grutas naturais:

Furninha (Delgado, 1884);

gruta da nascente do rio Almonda (Paço *et al.*, 1947).

Povoados:

Moita do Sebastião (Leisner *et al.*, 1966; Ferreira, 1974);

Forno da Cal (Leisner *et al.*, 1966);

Comporta (Leisner *et al.*, 1966);

Olelas (Serrão *et al.*, 1958);

Baútas (Arnaud *et al.*, 1972);

Salemas (Ferreira *et al.*, 1967);

Outeiro da Assenta (Leisner *et al.*, 1966).

Como podemos concluir da lista apresentada, em que todas as estações referidas tiveram importante ou onde a mais recente ocupação foi a neolítica, de que são neste caso exemplo os povoados ou *habitats* de Moita do Sebastião e de Forno da Cal, este remontando ao Neolítico antigo, a simples presença de cerâmica decorada a ponteadado, em Leceia, aponta para a forte possibilidade da ocupação neolítica do local. Contudo, este tipo de decoração subsiste, pelo menos, até à Idade do Cobre, conforme nos atesta a presença do vaso em

(¹) Esta decoração é muitas vezes difícil de distinguir da cerâmica impressa por matriz circular, com a qual se confunde, quando o diâmetro da matriz se torna muito reduzido.

forma de saco com decoração a ponteados em toda a superfície, proveniente da câmara do *tholos* da Praia das Maças (Leisner et al., 1969). Pelo contrário, nem do castro do Zambujal, nem do de Vila Nova de S. Pedro, possuímos bons elementos de comparação e os fragmentos recolhidos no castro do Penedo (Spindler et al., 1970), decorados por profundas impressões, afastam-se do motivo decorativo dos nossos exemplares. Tais factos só vêm reforçar a predominância deste motivo decorativo no Neolítico, conforme referimos antes.

3.5 — Cerâmica com decoração impressa

3.5.1 — Com impressões unguiformes — IV, 36

Tal como os grupos cerâmicos atrás vistos, também a cerâmica decorada com impressões unguiformes, pode ser considerada como boa indicadora de ocupação neolítica dos locais onde ocorra. De facto, ela é conhecida, entre outros, nos seguintes locais (alguns deles remontam ao Neolítico antigo):

grutas naturais:

gruta da nascente do rio Almonda (Paço et al., 1974), associada a outros tipos de cerâmicas neolíticas, já citadas;

gruta da Eira Pedrinha (Corrêa et al., 1949), onde se verifica facto idêntico.

povoados:

Cabeço do Pez — Vale do Sado (Santos et al., 1974);

Salemas (Ferreira et al., 1967);

Moita do Sebastião (Leisner et al., 1966).

Podemos contudo dizer que a cerâmica com decorações unguiformes não é exclusiva dos conjuntos neolíticos; ela está igualmente presente nos níveis mais baixos do castro da Rotura (Gonçalves, 1971) associada a cerâmica lisa muito grosseira. Este horizonte foi atribuído, pelo autor citado, ao Neolítico primitivo; contudo, pela mesma altura, Ferreira et al. (1970) e C. T. Silva (1971), referem para o horizonte inferior de ocupação, abundantes vestígios de actividade metalúrgica, a qual se acentua nos níveis seguintes. Este tipo de cerâmica, foi de igual modo referido no castro de Vila Nova de S. Pedro, por A. do Paço et al. (1942), sem que, contudo, tivesse sido referido no corte estratigráfico efectuado por H. Savory em 1959;

deste modo, não se poderão tirar conclusões acerca da sua cronologia relativa, nesta estação. Ela deverá ser, no entanto, seguramente pós-neolítica. Foi também referida na camada inferior do monumento I de Olelas, associada a vasos de bordo denteado, taças carenadas, mamiladas, ou com asas perfuradas e a fragmentos com decoração impressa a punção fino (Serrão *et al.*, 1958), assim como no povoado do Outeiro da Assenta (Leisner *et al.*, 1966), para o qual não possuímos dados estratigráficos.

A terminar este comentário acerca da cerâmica com decorações unguiformes, salientamos o aparecimento de um destes fragmentos na Anta do Olival da Pega, a qual foi incluída pelos Leisner (1951), no grupo das antas de arquitectura e espólio já calcolítico ou de transição. Tal facto vem reforçar a sua sobrevivência, em períodos posteriores ao Neolítico.

3.5.2 — Cuneiformes — IV, 37

Identificou-se, na colecção de Brée, um fragmento cerâmico com impressões cuneiformes, o qual apresenta claros paralelos na cerâmica do Neolítico antigo português. De facto, fragmentos decorados por punção rombo, foram recolhidos nos níveis superficiais dos concheiros de Muge (Ferreira, 1974), associados a outras técnicas decorativas, como a cerâmica decorada por «folhas de acácia» impressas a punção fino. Também no concheiro do Cabeço do Pez (Alcácer do Sal), se reconheceu este tipo de cerâmica, associado a decorações plásticas (cordões em relevo) e mamilos (Santos *et al.*, 1974). Um fragmento com impressões cuneiformes, foi, de igual modo, figurado por J. Guilaine *et al.* (1970), do habitat do Forno da Cal, associado a cerâmica cardial e incisa, para além de outros tipos de cerâmica impressa.

Mais recentemente, este tipo de decoração foi referido nos povoados do Alentejo litoral, de Salema, Vale Pincel I e Vale Vistoso (Soares *et al.*, 1979), igualmente datados do Neolítico antigo.

3.5.3 — Ovalares — IV, 40; V, 55, 57, 59 a 74; VI, 79, 82, 87, 88, 91 e 94

A cerâmica decorada por impressões de contorno oval, produzidas por punção rombo, na pasta mole, pode-se subdividir em dois grandes grupos, segundo a organização das referidas impressões:

- *motivo em «folha de acácia»*, devido à semelhança que este padrão apresenta com a disposição oposta das folhas lanceoladas dos ramos da acácia;
- *motivo em «crucíferas»*, em que o elemento primário é constituído por quatro destas impressões, dispostas radialmente segundo as duas bissectrizes de um quadrado.

Não podemos atribuir a estes dois grupos valor absoluto, pois eles encontram-se por vezes presentes no mesmo exemplar, conforme os recolhidos nos castros da Rotura e da Pedra do Ouro (Leisner *et al.*, 1966), para além de dois fragmentos recolhidos em Leceia (V, 59 e 74). Por outro lado, tanto um como outro, encontram-se, por via de regra, associados à decoração obtida por sulcos largos e profundos. Finalmente, a sua disposição na superfície dos vasos, é também variável.

O contorno das marcas produzidas pelo punção é variável; o que não pode deixar dúvidas é o modo como foram conseguidas: *por impressão*, diferenciando-se assim de motivo semelhante, caracterizadamente neolítico, que tem sido usual designar por «falsa folha de acácia»; pessoalmente, optámos pela designação de «folha de acácia impressa a punção fino», para este motivo, não reconhecido em Leceia com segurança, pois é o facto da decoração ter sido desta maneira produzida, que o faz diferenciar do motivo calcolítico, de que agora tratamos, em geral caracterizado por impressões mais largas e profundas. Convém referir, a propósito, de que em certos exemplares, as impressões são tão estreitas e alongadas, que dificilmente se distinguem da técnica incisa.

Em Leceia, os exemplares com este tipo de decoração, correspondem em geral a vasos de grão médio a grosseiro, de grandes dimensões e de paredes reentrantes. A sua forma foi primeiramente reconstituída por A. I. Marques da Costa (1906), o qual fazia corresponder a estes vasos, um fundo plano; foi provavelmente esta característica que levou H. Savory (1968), a incluí-los, sob a designação de «tipo Chibanes», na Idade do Bronze inicial, dada a ausência, praticamente total, de recipientes de fundo plano no Calcolítico inferior e médio português. O aparecimento e posterior publicação, por K. Spindler *et al.* (1970), de vaso esférico de grandes dimensões, decorado por sulcos largos e profundos, segundo motivo comum, frequentemente associado à «folha de acácia» e/ou «crucíferas», veio esclarecer definitivamente os arqueólogos quanto à verdadeira forma destes vasos e

tornar desaconselhada a designação de vasos «tipo Chibanes», ainda utilizada por J. Arnaud em 1974/77.

Quanto às restantes formas onde ocorre este tipo decorativo, no presente caso, elas são de difícil determinação, dada a pequenez dos fragmentos que possuímos. No que toca a acabamentos, são raros os exemplares de pasta fina e tratamento cuidado da superfície, com aguada, como os representados em V, 63.

O horizonte «folha de acácia» está bem definido estratigraficamente, graças às observações que se têm feito nos últimos anos, especialmente em povoados. Assim, tanto Gonçalves (1971), como Silva (1971) e Silva *et al.* (1970), estão de acordo, quando referem a abundância deste tipo de cerâmica nos níveis médios do povoado da Rotura, decrescendo este nos níveis superiores, já campaniformes. Segundo Silva (1971), não é conhecida a sua presença nos níveis inferiores do povoado, que, embora calcólíticos, denotam influências neolíticas. Também no povoado do Penedo de Lexim (Arnaud *et al.*, 1971) os fragmentos com motivo «folha de acácia», ocorreram claramente num estrato antecampaniforme (Estrato B), associados à cerâmica decorada com sulcos largos e profundos, facto que foi confirmado posteriormente no povoado citado pelo mesmo autor (Arnaud, 1974-77) e ainda no das Baútas (Arnaud *et al.*, 1972). A terminar as observações que nos ocorrem fazer sobre este grupo cerâmico, é de salientar a sua inexistência nas necrópoles coevas, excepção feita a um dos *tholoi* de S. Martinho de Sintra (Leisner, 1965; Sangmeister *et al.*, 1966; Arnaud *et al.*, 1972).

3.6 — Cerâmica incisa a traço fino

Incluimos, neste grupo cerâmico, os seguintes motivos, reconhecidos em Leceia:

- em « espinha»; VI, 86 (?)
- em «zigzague»; V, 53, 54, 56, 58; VI, 83 a 85;
- em «quadriculado» ou «reticulado». V., 89, 90, 92, 93, 95 a 97.

De um modo geral, podemos apontar, para a cerâmica incisa a traço fino, origem neolítica. Assim, a propósito da cerâmica decorada em «espinha», recolhida no povoado das Baútas (Arnaud *et al.*, 1972), foram referidos paralelos predominantemente neolíticos, como as grutas do Carvalhal, da Furninha e do Almonda. São de referir ainda as

seguintes estações, que deram cerâmica deste tipo (Leisner *et al.*, 1966):

Povoados — Outeiro da Assenta; Rotura; Olelas; Vila Nova de S. Pedro; Penha Verde; Monsanto; Zambujal; S. Mamede; Ota.

Necrópoles — Lapa do Fumo; Gruta da Calada; Eira Pedrinha; Gruta de Cascais; *Tholos* da Praia das Maçãs; grutas artificiais de Alapraia.

De salientar que os motivos em «espinha», por combinação entre si, originam motivos em «ziguezague», com os quais se confundem. De facto, do quadro sinóptico apresentado por Leisner *et al.* (1966), apenas se aponta uma excepção: a do motivo 38, decorado por linhas em ziguezague horizontais e paralelas entre si, reconhecido no castro de Vila Nova de S. Pedro e nas necrópoles de Palmela (grutas artificiais), Cabeço da Arruda 2 (tholos) e Casaínhos (dólmen).

Quanto à decoração quadriculada incisa, ela é conhecida, de acordo com os autores citados, nas seguintes estações:

Povoados — Olelas; Fórnea; Vila Nova de S. Pedro; Penha Verde; Pragança; Parede; Outeiro da Assenta.

Necrópoles — Lapa do Fumo; Cova da Moura; Gruta do Carvalho.

Pelos exemplos citados, conclui-se que, se a este grupo cerâmico, constituído pelos motivos decorativos discriminados antes, podemos apontar origem neolítica, o certo é que ele se encontra bem representado em *habitats* ou necrópoles claramente calcolíticas, tendo mesmo atingido, em associação a temáticas decorativas diferentes, o período Campaniforme (grupo do Campaniforme inciso). A este propósito, é de referir não ser raro observar, no mesmo exemplar, em particular nos grandes vasos de bordo reentrante, a associação entre motivos em «espinha» ou em «quadriculado», e os sulcos largos e profundos, ou os motivos «folha de acácia» ou «crucíferas».

3.7 — Vasos de bordo denteado — I, 2 a 6

Os vasos de bordo denteado têm sido, em geral, atribuídos a estádio pré-campaniforme, da região central do litoral ocidental da Península (em especial a região do baixo Tejo e Sado). De facto, são

bastantes as jazidas desta área onde se recolheram bordos de vasos denteados.

Dos inventários publicados relativos às grutas naturais, refira-se a ocorrência de um fragmento na gruta da Cova da Moura — Torres Vedras (Belo *et al.*, 1961), de dois nas grutas de Cascais (Paço, 1941) e na Lapa da Bugalheira (Paço *et al.*, 1971), para os quais se assinala a associação com conjunto cerâmico constituído por malgas carenadas e asas perfuradas verticalmente. Conhece-se ainda exemplares provenientes da gruta do rio Almonda e da do Carvalhal (Ferreira *et al.*, s/d) e ainda um fragmento da Lapa do Bugio (cit. de Soares *et al.*, 1972). São também conhecidos nas grutas artificiais da região citada, como na gruta II de S. Pedro do Estoril (Leisner *et al.*, 1964), no monumento I do Cabeço da Arruda, o qual, segundo Savory (1968), é uma gruta escavada na rocha que continha, para além de um bordo denteado, placas de xisto e pontas de seta de base pedunculada (Ferreira *et al.*, 1956). Recolheram-se ainda nas grutas artificiais de Carenque (Paço *et al.*, 1971) e na gruta II de Alapraia, tendo sido já nessa altura considerados como indígenas, isto é, pertencentes à cultura neolítica local (Jalhay *et al.*, 1941).

No respeitante aos povoados pré-históricos da região considerada, constata-se que os bordos denteados são comuns à maior parte deles, com especial incidência nos seus horizontes mais antigos, a atendermos aos registos actualmente disponíveis. Assim, já nos povoados de Salema e Vale Vistoso, datados do Neolítico antigo (Soares *et al.*, 1979) se encontraram bordos deste tipo. Também nos estratos superficiais dos concheiros de Muge, se recolheu conjunto cerâmico datando do Neolítico (Ferreira, 1974) no qual se inclui fragmento de bordo denteado com mamilo e decorado a punção rombo. Da mesma forma, no povoado neolítico das Salemas (Ferreira *et al.*, 1967), se verificou a associação deste tipo de bordos a cerâmica mamilada, incisa e com decoração plástica (cordões) e a micrólitos furadores, «tarières», lamelas e raspadeiras, também elas de cunho acentuadamente neolítico. No povoado da Serra da Espargueira (Leitão *et al.*, 1973), recolheram-se também 4 fragmentos de bordos de vasos denteados, acompanhados de abundantes furadores de osso de *Capra* sp., seccionados longitudinalmente e de micrólitos; o conjunto, conforme salientam os autores do trabalho, possui acentuado cunho neolítico. Conhecem-se também bordos denteados dos povoados de Negrais e de Carnaxide (Andrade *et al.*, 1959), do Zambujal (Paço *et al.*, 1964), de Montes Claros (Paço *et al.*, 1945), onde se encontravam igualmente

associados a cerâmica neolítica (decoreção plástica — cordões, mamilos, orifícios de suspensão, etc.) e de Sesimbra (Gonçalves, 1971).

A estratigrafia observada em Olelas (Serrão *et al.*, 1958), possui particular importância; assim, os bordos denteados encontram-se totalmente ausentes na camada A do monumento I, onde, pelo contrário é comum a cerâmica campaniforme; já na camada B, subjacente àquela, surgem-nos conjuntamente com cerâmicas neolíticas características.

Também no nível de base do povoado de Parede (Paço, 1964), se encontraram bordos denteados, associados, para além da cerâmica mamilada e perfurada, aos característicos «copos» canelados.

É interessante constatar a sua aparente ausência em Vila Nova de S Pedro.

Pelo que deixamos dito, podemos concluir que os vasos de bordo denteado são contemporâneos das primeiras ocupações dos povoados estremenhos. Culturalmente, podemos integrá-los, na sua maior parte, em horizontes puramente neolíticos, embora haja casos em que a sua sobrevivência até ao Caloclítico inicial, está indubitavelmente comprovada (Zambujal, Parede), a atendermos aos elementos até agora publicados.

3.8 — *Cerâmica canelada* (copos e taças) — III, 25 a 35; IV, 38, 39, 42 e 46

Ao abordar o estudo deste grupo cerâmico, começaremos por referenciar as estações portuguesas onde ele ocorre, a sua posição estratigráfica nessas mesmas estações, quando conhecida, assim como os materiais a ele associados, para finalmente tecermos algumas considerações acerca do seu enquadramento cultural.

A designação de «copo», refere-se a recipiente de forma grosseiramente cilíndrica a tronco-cónica, geralmente com a parede lateral ligeiramente côncava e o fundo levemente convexo.

As taças caneladas, segundo V. Leisner *et al.* (1964), encontram-se representadas nas grutas naturais de Cascais, Carvalhal, Cova da Moura, Bugalheira, Vimeiro e Casa da Moura. Por outro lado, em diversos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa, como os de Agualva, Casaínhos, Conchadas e Trigache, encontraram-se certo tipo de taças de fabrico especial, de pastas muito finas, com mica dourada, engobe anegrado e superfície externa brunida. Tais taças

encontram-se decoradas com ténues caneluras, na superfície externa, abaixo do bordo, as quais não devem ser confundidas com estrias, resultantes do polimento (Leisner *et al.*, 1959). A anterioridade desta cerâmica em relação à cerâmica campaniforme, era já admitida pelos autores citados, tendo em atenção os resultados obtidos por A. do Paço em Vila Nova de S. Pedro. Nas grutas artificiais, ao contrário do copo canelado, a taça canelada ocorre de forma regular. Assim, a cerâmica canelada das grutas de S. Pedro do Estoril é, na sua totalidade, constituída por taças de grandes dimensões, semelhantes às encontradas nos monumentos megalíticos atrás citados. Também nos *tholoi* da região estremenha, as taças caneladas predominam sobre os copos, praticamente inexistentes; aquelas apresentam, tal como as dos monumentos anteriores, particularidades que as individualizam da restante indústria cerâmica. Assim é no *tholos* da Praia das Maças, onde se recolheram dois exemplares e no do Pai Mogo, que forneceu oito. Nos *tholoi* do Monge e de S. Martinho de Sintra, conhece-se também exemplares semelhantes (Leisner *et al.*, 1964). Já na jazida de Samarra (Sintra), possivelmente uma sepultura do tipo *tholos*, destruída, a cerâmica encontrada mostrou-se exclusivamente lisa, à excepção de um copo cilíndrico canelado (França *et al.*, 1958). Esta é, pois, uma das raras necrópoles onde se conhece a ocorrência desta característica forma. A este propósito, é de mencionar a existência de raros exemplares nas grutas artificiais de Palmela, Alapraia e talvez Carenque (Leisner *et al.*, 1964).

Passemos agora à análise da ocorrência deste grupo de cerâmica nos povoados coevos desta região. Neles, predomina o «copo» canelado. A fina espessura destes vasos, a dureza e a textura da pasta, em certos casos micácea, e o cuidado posto no seu acabamento, quer pela aplicação de engobes e aguadas, quer pelo brunimento das superfícies externas, fazem-nos filiar os copos na mesma tradição das taças caneladas; tal como estas, apresentam-se em geral decorados por caneluras abaixo do bordo e junto do fundo; o espaço intermédio é, em certos casos, também ocupado por motivos decorativos diversos, em que predominam os *chevrons*, obtidos por ténue pressão de punção rombo, deslizante na pasta fresca.

Os «copos» ocorrem bem estratificados nos povoados calcolíticos da Estremadura e Ribatejo. Começaremos por nos referir ao de Vila Nova de S. Pedro, onde a sua posição estratigráfica foi, pela primeira vez definida, por A. do Paço. Com efeito, este autor, em 1958, assi-

nalou a existência de estrato pré-campaniforme, caracterizado justamente por este tipo de cerâmica. Eis como ele o descreve, em pequena nota publicada um ano depois: «o estrato assentava directamente sobre a base rochosa do castro, variando a sua espessura entre 25 e 30 cm». Em 1964, confirma ser a base deste estrato mais antiga que as fortificações. De igual modo, no Zambujal, segundo Savory (1970), «parece tirar-se a conclusão, da revisão dos escavadores, do seu trabalho de 1965, da cerâmica finamente canelada, chamada «de importação», ser proveniente principalmente dos níveis inferiores deste povoado, tal como acontece em Vila Nova de S. Pedro». Tal cerâmica é igualmente característica do estrato I do povoado da Parede (Paço, 1964), assim como do pequeno povoado do Alto do Dafundo (Gonçalves *et al.*, 1978). Também no povoado da Rotura, a cerâmica canelada é característica apenas dos seus níveis inferiores (Ferreira *et al.*, 1970). O mesmo não foi observado em Lexim (Mafra), por J. M. Arnaud (1974-77). Com efeito, este autor refere apenas o aparecimento dos «copos» no estrato 3 do quadrado A, assente sobre o estrato 4, por ele atribuído ao Calcolítico inicial. Embora naquele, ainda não se conheça a cerâmica «folha de acácia» e a decorada por caneluras largas e profundas, já no estrato 2, aquelas formas se encontraram associadas a fragmento de «copo» canelado (este estrato é equivalente do estrato B definido em trabalho anterior — Arnaud *et al.*, 1971). Daqui se poderá concluir (Serrão, 1979), que a cerâmica de «copos» perdura até aos níveis mais recentes de ocupação calcolítica do povoado, correspondentes do Calcolítico pleno (ou médio), representado justamente pelos dois tipos decorativos atrás referidos. Tal conclusão vem no seguimento da apresentada por J. M. Arnaud, no trabalho referido, que admite diminuição da importância dos «copos», face ao aumento da percentagem da cerâmica decorada em «folha de acácia» ou por caneluras largas e profundas. No entanto, apenas o quadrado A, de reduzidas dimensões, forneceu um único fragmento de copo, no seu estrato 2, atribuído, como se disse, ao Calcolítico pleno.

Pelo que atrás ficou dito, conclui-se que as taças hemisféricas caneladas, ocorrem preferencialmente em grutas naturais, grutas artificiais, monumentos megalíticos e *tholoi*, ou seja, em necrópoles. Caracterizam-se, em quaisquer dos casos, por acabamentos e cuidados especiais, que as diferenciam da restante cerâmica. A taça canelada, no dizer de V. Leisner *et al.* (1964), é, pois, o resultado da união de

uma forma antiga, neolítica, com novas técnicas e tipos de decoração, união essa já evidenciada no horizonte dolmênico de Reguengos pelos Leisner (1951).

Os «copos» canelados, pelo contrário, são quase exclusivos dos povoados, como também se disse. No entanto, as pastas, assim como os cuidados postos na sua confecção e os motivos decorativos, são em tudo semelhantes aos das taças. A. do Paço notou uma degradação na qualidade do seu fabrico, à medida que se atingiam os níveis mais recentes do povoado de Vila Nova de S. Pedro, o que levou aquele autor a admitir que se tratava de forma importada, rapidamente copiada pelos artífices locais. Tal interpretação conduz-nos de facto ao problema da sua inserção cultural. Até há bem pouco tempo, era unanimemente aceite, embora as provas concretas faltassem, o papel decisivo desempenhado por prospectores e metalurgistas do cobre, provenientes do Mediterrâneo oriental, por via marítima, na génese e florescimento dos povoados calcolíticos da orla ocidental. Reflexo desta presença, seria, entre outros artefactos, a chamada «cerâmica importada». Como síntese dos argumentos invocados em defesa desta teoria, é útil relembra-los os seguintes comentários de Savory (1970): «A textura e acabamento superficial desta cerâmica lembra a cerâmica de Urfirnis, encontrada no Egeu cerca do fim do Neolítico e do princípio das fases minóica ou heládica (Evans e Childe). As incisões em espinha vertical, tão populares nos copos, são um motivo na cerâmica do Cicládico e do Minóico inferiores e os semicírculos concêntricos que se vêem em fragmentos de vasos maiores, da mesma cerâmica dos copos de Vila Nova de S. Pedro, conservados no Museu do Carmo, são característicos de alguns grupos do Minóico inferior. Em especial, como o Prof. Sangmeister fez notar, a forma e a decoração dos copos, lembra a das «píxides» cicládicas do grupo de Pelos (Cicládico antigo I): E. M. Bossert e S. Ehrhardt, publicaram recentemente alguns bons exemplos...». Para além da discutível semelhança entre as formas egeias e as recolhidas nesta finisterra da Europa, outro tipo de argumentos têm sido invocados em oposição a esta teoria. Com efeito, Ferreira *et al.* (s/d), baseando-se em Renshaw (1969), admitem como perfeitamente possível o surgimento da metalurgia na Península Ibérica, como resultado de uma evolução meramente local, tanto mais «sabermos agora que esta invenção ocorreu independentemente em vários focos geográficos, alguns muito afastados uns dos outros». Os mesmos autores salientam, mais à frente (pág. 156), que «os dados admiravelmente expostos pelo

Prof. Colin Renfrew no seu livro *Before Civilization* (1976) devem-nos aconselhar a ter cautela na atribuição das origens de artefactos antigamente considerados como sendo de origem egeana». Por outro lado, o facto dos «copos» não fazerem parte dos espólios almerienses, nem millarenses, do Sudeste espanhol (Savory, 1970), só acentua a produção local deles, numa área limitada às regiões do baixo Tejo e Sado, facto que não é inédito noutros grupos cerâmicos.

3.9 — *Cerâmica decorada interiormente* — IV, 41, 48, 49 e 51

Segundo V. Leisner (1961), a distribuição geográfica deste grupo cerâmico, limita-se às regiões ribeirinhas das fozes do Tejo e do Guadalquivir e no Sudeste da Península, à província de Almería. Em Portugal, aquela autora refere as seguintes ocorrências:

Povoados — Zambujal, Fórnea, Chibanes, Olelas, Ratinhos (Moura), Vila Nova de S. Pedro, Salemas e Montes Claros.
Necrópoles — Monge, Conchadas, Agualva, Cabeço da Arruda e gruta da Casa da Moura.

Trata-se de tipo raro, no conjunto da cerâmica decorada do Calcolítico português. No respeitante às formas, predominam as baixas (pratos e taças), como é lógico. Os motivos decorativos obtiveram-se por ligeira pressão de ponta romba, deslizando ao de leve pela pasta fresca. Com efeito, os traços assim conseguidos são tão ténues que muitas vezes só com luz rasante é que se tornam visíveis, assemelhando-se à técnica patenteada pela cerâmica canelada. Tal como nesta, também as pastas são predominantemente finas, por vezes com mica, exibindo as superfícies dos recipientes, aguadas ou engobes, de coloração avermelhada ou acastanhada. Quanto aos motivos decorativos patentes em Leceia, eles podem-se subdividir em dois grandes grupos: caneluras concêntricas ⁽¹⁾, com paralelos em Vila Nova de S. Pedro e no Pedrão, embora neste último exemplar, a decoração se situe no exterior (Soares *et al.*, 1975); linhas divergentes a partir do fundo, unidas por linhas horizontais ou oblíquas, paralelas entre si (IV, 48), ocorrentes sobretudo nas grandes taças, de que é protótipo o exemplar do *tholos* do Monge (Ribeiro, 1881).

(1) Motivo decorativo conhecido desde o Neolítico antigo português.

Este tipo de cerâmica ocorre já nos estratos mais antigos dos povoados da região referida, como no estrato I da Parede, associado a «copos» e a formas do Neolítico indígena (bordos denteados, cerâmica mamilada, etc.) e também em Vila Nova de S. Pedro (Leisner *et al.*, 1959). Esta autora atribuiu-o ao início do Calcolítico, relacionando-o com cerimónias rituais e de culto (Leisner, 1961). No período campaniforme, este tipo de decoração caiu praticamente no esquecimento, para reaparecer, mais tarde, nas taças argáricas do Sudoeste da Península, embora a temática decorativa seja diferente e ainda mais tarde, no final da Idade do Bronze, com a cerâmica de «retícula brunida». Mais à frente, referir-nos-emos a este último grupo cerâmico com mais detalhe, dado também ele estar representado em Leceia.

3.10 — *Cerâmica decorada com sulcos largos e profundos* —
VI, 98; VII, 99, 101 a 107; VIII, 108 a 111; IX, 112, 113
e 115

Conforme já notado anteriormente (Ferreira *et al.*, 1970), a cerâmica decorada a punção rombo, distribui-se por dois tipos de vasos, nos povoados calcolíticos do baixo Tejo e Sado: o primeiro, de forma esférica, paredes reentrantes e espessas e pastas médias a grosseiras; o segundo, representado por vasos de menores dimensões, de forma mal conhecida (embora também pudesse ser esférica), de paredes menos espessas e pastas mais homogéneas.

Este grupo cerâmico foi já por nós referido, a propósito da sua forma (ver 3.5.3 — *cerâmica com decoração impressa* — «folha de acácia» e «crucíferas», e do erro em que incorrem os utilizadores da designação de vasos de «tipo Chibanes», designação surgida, como dissemos, de reconstituição de Marques da Costa (1906), que a publicação de materiais do castro do Penedo (Spindler *et al.*, 1970), provou ser falsa. Para além de parecer exclusivo da região atrás referida, ocorre apenas em povoados, exceptuando o fragmento recolhido num dos *tholoi* de S. Pedro de Sintra. Nele se congregam diversos motivos e técnicas decorativas: por impressão («folha de acácia» e «crucíferas»); por incisões a traço fino, «motivos em «espinha», em «zigzag», em «quadriculado», etc.); e por sulcos largos e profundos, em geral paralelos ao bordo do vaso, definindo, no espaço decorado dos vasos, subáreas preenchidas pelos motivos citados, em combinações por vezes complexas, como os «dentes de lobo». Embora tal grupo tenha aparecido em todos os níveis do povoado da Rotura e

do Zambujal (Ferreira *et al.*, 1970; Sangmeister *et al.*, 1966), não há dúvida que no primeiro (Silva, 1971), predomina nos estratos imediatamente antecampaniformes (Calcolítico médio).

3.11 — *Cerâmicas campaniformes* — X, 118 a 122

O número de fragmentos cerâmicos incluíveis neste grupo é muito reduzido. Este, contudo, é surpreendentemente interessante, pela sua variedade, como iremos ver.

A continuidade evolutiva que se observa entre cerâmicas pré-campaniformes da «Cultura de las cuevas» espanhola e as campaniformes, foi suspeitada por Bosh-Gimpera (cit. de Gonçalves, 1971). À mesma conclusão chegaram também outros arqueólogos, ao estudarem várias jazidas portuguesas. A este respeito, são significativas as seguintes observações (Leisner *et al.*, 1964): «aumentam de dia para dia as provas do seu parentesco (da cerâmica campaniforme) com a cerâmica decorada mais antiga, reforçando, conseqüentemente, a hipótese de ter havido um centro da sua evolução na própria região costeira portuguesa», talvez a partir de um modelo exógeno — o Campaniforme internacional. Tal suspeita foi mais tarde reforçada por V. Leisner *et al.* (1966), ao tratar da cerâmica campaniforme do castro da Pedra do Ouro (Alenquer), assim como por outros autores (Gonçalves, 1971; Soares *et al.*, 1975), ao tratarem de dois outros povoados calcolíticos: a Rotura e o Pedrão.

Assim, não espanta que também em Leceia tenhamos recolhido elementos em abono da tese referida. Ë nessa linha que filiamos o bordo de Palmela, liso, por nós encontrado, referido por Ferreira *et al.* (/d) e sobretudo o bordo de taça semelhante, decorado por caneluras largas e pouco profundas (X, 122), na face externa, logo abaixo do bordo. Tal fragmento representa, a nosso ver, elo de ligação entre a cerâmica pré-campaniforme e a taça de Palmela, a que também não é alheia a influência da cerâmica decorada por sulcos largos e profundos, de tradição local e que subsistiu, como atrás se disse (ver parágrafo anterior), até ao período campaniforme, inclusive. Este fragmento, reforça, pois, origem local para a taça de Palmela; em abono desta conjectura, J. Soares *et al.* (1974-77), salientam o facto de já no estrato mais antigo do povoado do Pedrão, se terem recolhido fragmentos lisos deste tipo, ou decorados, por caneluras, na face interna.

A restante cerâmica campaniforme do povoado de Leceia, compreende:

- um bordo de taça de Palmela, com decoração incisa (X, 121);
- um bordo de taça de Palmela, com decoração a ponteados (X, 118);
- dois fragmentos inclassificáveis, um com decoração incisa e outro a ponteados (X, 119 e 120).

A maior incidência do «estilo internacional», a ponteados, nos povoados que conheceram o seu apogeu no Calcolítico pleno, como os da maioria das penínsulas de Lisboa e Setúbal, entre os quais se inclui o de Leceia, foi explicada por J. Soares *et al.* (1975) ⁽¹⁾; segundo os autores, teriam sido estes povoados, na altura florescentes (nos quais escasseia notoriamente a taça de Palmela), os primeiros a receberem, entre nós, os impulsos iniciais do «Campaniforme», representados pelo «estilo internacional», o qual seria, portanto, o mais antigo. Tal facto está em contradição total com o observado em Leceia, onde predomina não só a taça de Palmela (100 % das formas identificáveis), como falta seguramente o «estilo internacional». A explicação para tal, terá de atender ao escasso número de fragmentos campaniformes recolhidos (seis) e à extrema variedade patenteada pelas decorações das taças de Palmela: dos quatro bordos recolhidos, nenhum deles ostenta a mesma técnica decorativa:

- um é liso, outro apresenta-se ornamentado por caneluras largas e pouco profundas, um terceiro ostenta decoração incisa e finalmente o último, a ponteados.

Em conclusão, o local não foi ocupado como povoado no período campaniforme, explicando-se assim a raridade e heterogeneidade dos achados, os quais serão apenas o testemunho de episódicos estacionamentos de pequenos grupos no local, intervalados por dezenas, senão centenas de anos.

3.12 — *Cerâmica industrial*

3.12.1 — «Queijeiras» — VI, 75 a 78, 80 e 81

Os artefactos cerâmicos usualmente designados por «queijeiras», eram desprovidos de fundo, conforme o exemplar recolhido na Pedra

⁽¹⁾ Os autores retomam a ideia já expressa por V. Leisner *et al.* (1969).

do Ouro (Leisner *et al.*, 1966). Neles, as paredes laterais, ligeiramente bombeadas, apresentam numerosas perfurações, feitas na pasta mole, de fora para dentro.

Segundo A. do Paço *et al.* (1939), o termo foi criado por Déchelette, para designar exemplares análogos do Camp-de-Chassey. Bonsor designou-os por «passadores» ou «coadores», designação utilizada também por R. Belo. Tem sido também atribuída a estes artefactos a função de «crivo».

Na região portuguesa que mais directamente nos interessa, isto é, a zona ribeirinha do baixo Tejo e Sado (Penínsulas de Lisboa e Setúbal), este subgrupo cerâmico é comum, nos povoados calcolíticos, em estratos pré-campaniformes (estrato B do Penedo de Lexim — Arnaud *et al.*, 1971) e, aparentemente, campaniformes (estrato A do monumento I de Olelas (Serrão *et al.*, 1958), o mesmo acontecendo na Andaluzia (povoado do Cerro de la Virgen — Spindler *et al.*, 1970). Recentemente, um fragmento de «queijeira» foi encontrado numa jazida do Bronze final do litoral alentejano — o *habitat* da Cerradinha (Silva *et al.*, 1978), a atestar a sobrevivência de tais artefactos até pelo menos esta época.

3.12.2 — «Pesos de tear» — IV, 47, 50 e 52; X, 123

Utilizámos esta designação para os fragmentos de placas de barro rectangulares, perfuradas nos cantos. Tal atribuição funcional, consagrada desde há muito pela maioria dos arqueólogos, foi recentemente confirmada, pelo achado de um tear completo, com os respectivos pesos, em Orce ⁽¹⁾. Já A. do Paço (1943) refere e figura uma placa do castro de Vila Nova de S. Pedro, com apenas 2 furos de suspensão, apresentando indícios de uso intenso, comprovado pelo desgaste que os furos apresentam numa direcção. F. A. Pereira fizera observação idêntica numa outra, do Outeiro da Assenta — Óbidos.

Tais artefactos são comuns nos povoados pré-históricos das penínsulas de Lisboa e de Setúbal e também nos do interior alentejano. Em relação aos primeiros, foram publicadas ao longo dos anos várias listas de ocorrências (Paço *et al.*, 1939, 1940; Leisner *et al.*, 1966). Mais recentemente, foram referenciados nos horizontes inferiores dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve, embora estes exemplares correspondam a grupo tipológico diferente, pois

(1) Informação oral de F. Kalb.

apresentam apenas um furo em cada extremidade (Silva *et al.*, 1976/77). De acordo com as observações de Savory (1970), acerca do corte estratigráfico por ele efectuado no povoado de Vila Nova de S. Pedro, todos os níveis do período I (do Calcolítico inicial), deram fragmentos de placas lisas, predominando as decoradas no período II (do Calcolítico pleno). Tais decorações (onde abundam os círculos radiados), tão dissemelhantes elas são das patentes nos restantes grupos cerâmicos, «parece levar-nos à consideração de uma arte diferente» (Paço *et al.*, 1939). Com efeito, os motivos astrais, zoomórficos e mesmo antropomórficos, as linhas onduladas e os triângulos, ostentados por muitas destas placas, com especial destaque para as centenas de exemplares de Vila Nova de S. Pedro, realizados sobretudo a traço fino e a ponteadado, encerram um estranho e acentuado simbolismo, ausente, na generalidade, da restante cerâmica coeva (a este propósito, é de referir que, em contraste com o povoado citado, das centenas de placas recolhidas nos povoados de Pavia e de Vidais, no Alentejo, apenas uma era decorada (Leisner *et al.*, 1966)); assim, é lícito admitir que as múltiplas actividades ligadas ao fabrico de tecidos, estivessem de qualquer forma expressas nos próprios artefactos utilizados: o Sol, que fazia crescer o linho, representado pelos círculos radiados ou não, a água, que o alimentava e era utilizada na sua lavagem, assim como das fibras animais (simbolizadas pelos motivos zoomórficos?), representada pelas linhas onduladas, etc.

Dentre os quatro fragmentos recolhidos em Leceia, três são lisos, mas o restante, ostentando decoração tão rica quanto singular, ilustra bem as anteriores considerações ⁽¹⁾ (X, 123).

Finalmente, no tocante à distribuição geográfica deste grupo cerâmico, Leisner *et al.* (1966), assinalam dois focos peninsulares: um, abrangendo o centro de Portugal (região do baixo Tejo e interior alentejano) e outro a Sudoeste da Península, aparentemente independente do primeiro.

3.13 — *Cerâmica simbólica*

Dentro deste variado grupo cerâmico, incluíram-se todos os exemplares que, pelos motivos decorativos ostentados, evidenciam simbolismo marcado. Estão neste caso a cerâmica decorada por pares de

⁽¹⁾ Pela pasta, este fragmento pode ser considerado, mais tardio talvez da Idade do Ferro.

mamilos (I, 10; III, 20), facilmente identificáveis com atributos femininos. Este motivo é frequente nos recipientes da «cerâmica dolménica» alentejana, ocorrendo, igualmente nas estações do litoral, como na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (Leisner *et al.*, 1969), nas grutas artificiais de Palmela (Leisner *et al.*, 1961) e nas grutas naturais da mesma região, como a Lapa da Bugalheira (Paço *et al.*, 1971). Por outro lado, o aparecimento deste motivo decorativo nas necrópoles do Bronze do Sudoeste, como a da Quitéria, junto do litoral alentejano, evidencia a larga distribuição, tanto geográfica como temporal, dele.

Outro fragmento mamilado é o representado na Est. X n.º 124. É de barro negro e duro, liso e brilhante à superfície, decorado por linhas de mamilos cónicos, colados na pasta fresca. Conhecem-se exemplares análogos, de Vila Nova de S. Pedro (Jalhay *et al.*, 1942). Este autor cita paralelos das grutas artificiais de Carenque, das grutas naturais de Cascais e do castro de Pragança, atribuindo-lhes, de acordo com J. Philippe, função meramente decorativa. Posteriormente, de Vila Nova de S. Pedro, Paço (1958), descreve fragmento análogo, recolhido no seu estrato I. Não nos custa admitir significado simbólico para este exemplar, reforçado, aliás, pelo especial cuidado posto no acabamento do vaso. Igual significado teria o fragmento com mamilo aparentemente cercado por linhas incisadas radiais, pouco profundas (I, 11).

Aos vasos com decorações astrais, representados em Leceia por fragmento de taça (X, 125), Leisner atribuiu-lhes funções em cerimónias rituais (Leisner, 1961). De Vila Nova de S. Pedro, conhece-se taça com decoração semelhante, a qual está também patente em «pesos de tear», conforme atrás referimos. Haverá alguma relação funcional entre estes dois tipos de artefactos? De Espanha conhece-se diversos exemplares, provenientes das escavações de Siret em Los Millares. A terminarmos estas breves considerações acerca deste grupo cerâmico, chamamos a atenção para os comentários feitos em 3.12.2, sobre o peso de tear com decoração simbólica.

3.14 — *Cerâmica de retícula brunida*

A cerâmica de retícula brunida é característica do Bronze final do Sudoeste da Península, embora também se conheçam vários exemplares fora desta região. Em Portugal, verifica-se que este tipo de cerâmica, que é preciso não confundir com a cerâmica calcolítica

decorada interiormente, se encontra sobretudo concentrado na península de Lisboa, conforme se pode concluir das distribuições apresentadas por K. Spindler *et al.* (1937-1974) e por G. Marques *et al.* (1974), ocorrendo em variados monumentos anteriores, para além de abundantes povoados ou casais agrícolas e raros monumentos coevos como o do Calhariz (Sesimbra). As duas formas fundamentais, ambas carenadas, são a taça e o vaso alto; por outro lado, verifica-se que os exemplares portugueses se encontram esmagadoramente decorados na face externa, razão que confere ao exemplar recolhido em Leceia, provavelmente de taça (VII, 100), apreciável raridade. A cronologia proposta pelos vários autores, para este grupo cerâmico, é variável. Segundo Silva *et al.* (1978), o início do seu fabrico ascenderia ao séc. IX a. C., prolongando-se a sua produção até ao séc. VIII-VII a. C., ou seja, até momento tardio do Bronze final, conforme indica o povoado da Cerradinha. O fragmento recolhido em Leceia, atesta, assim, ocupação do local neste período, ocupação talvez correspondente a pequeno casal agrícola, dos diversos assinalados na região por G. Marques *et al.* (1974), referidos atrás.

4 — Conclusões gerais

As considerações atrás feitas para cada um dos grupos cerâmicos individualizados, serão resumidas e sistematizadas neste capítulo. Embora as conclusões que se seguem tenham sido em grande parte apresentadas anteriormente (Cardoso, 1981), optamos pela sua repetição, pois só assim se conseguirá uma perspectiva sequencial dinâmica, para as diversas formas e tipos de decoração encontrados, como convinha ao presente ensaio. Como tal, as conclusões apresentadas terão de ser encaradas apenas como hipóteses, resultantes de análise comparativa com o espólio de estações com estratigrafia mais ou menos conhecida e não de factos de observação, que só uma escavação no local poderia fornecer.

I — Existência de um fundo cultural neolítico, definido pelos seguintes grupos:

i — cerâmica lisa — taças carenadas, esféricas e hemisféricas («cerâmica dolménica»), as quais subsistem largamente no Cal-

colítico; cerâmica mamilada ou com pegas, para a qual são válidos idênticos comentários;

ii — vasos de bordo denteado, que pertenceriam ao substrato neolítico local (Neolítico final?). Ocorrem no povoado da Parede, onde se encontravam associados aos característicos «copos» (Paço, 1964). É interessante notar a sua ausência em Vila Nova de S. Pedro, tanto quanto podemos saber;

iii — cerâmica com decoração plástica (cordões em relevo), a qual tem antecedentes que remontam ao Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental (Guilaine, 1970), prolongando-se até à época dos construtores dos *tholoi* alentejanos, conforme foi mostrado pela escavação do *tholos* de Santiago do Escoural (Santos *et al.*, 1969); a sua predominância verifica-se, contudo, em jazidas de espólio neolítico, como foi referido em 3.3.

iv — cerâmica decorada a ponteados — apresenta uma nítida predominância em níveis neolíticos de necrópoles e *habitats*, facto evidenciado pela sua raridade em Vila Nova de S. Pedro ou no Zambujal, mas aparece ocasionalmente em horizontes calcolíticos, como mostra o vaso em forma de saco, decorado a ponteados em toda a superfície, proveniente do *tholos* da Praia das Maças (Leisner *et al.*, 1969).

v — cerâmica com impressões unguiformes, conhecida em contextos puramente neolíticos (e nestes desde o Neolítico antigo), ou já do início do Calcolítico, mas observando estreitas afinidades com aqueles — é o caso da Anta Grande do Olival da Pega (Leisner, 1951), de arquitectura e espólio eneolítico ou de transição e o dos níveis inferiores do povoado da Rotura.

vi — cerâmica incisa a traço fino, que é, talvez, de todos os grupos cerâmicos anteriormente vistos, aquele que mais frequentemente ocorre em contextos calcolíticos. Nestes, a sua percentagem, a atendermos aos resultados obtidos por Tavares da Silva (1971) no povoado da Rotura, decresce dos níveis inferiores para os superiores. Predominam os motivos em «espinha», em «ziguezague» e em «xadrez» ou «reticulado». Este grupo cerâmico conheceu depois, com o advento do Campaniforme, uma súbita importância (Campaniforme inciso).

Os seis grupos referidos surgem, por vezes, associados, quer no mesmo vaso, quer no mesmo local. Das jazidas, salientam-se as grutas

naturais da orla ocidental, os monumentos dolmênicos e certos níveis de povoados mais antigos daquela região, atrás referidos em pormenor.

II — Do período correspondente às primeiras manifestações metalúrgicas do Ocidente Peninsular, consideramos característicos os seguintes grupos:

vii — cerâmica canelada, representada pelas taças hemisféricas, com caneluras exteriores, que ocorrem predominantemente em necrópoles e pelos «copos», que são praticamente exclusivos dos povoados. Foi em Vila Nova de S. Pedro, no estrato mais baixo do povoado, com 20 a 30 cm de espessura, subjacente à fortificação interna, que estes últimos foram atribuídos, pela 1.^a vez, a um horizonte pré-campâniforme (Paço, 1958). A perfeição do seu fabrico, a forma, a técnica e os motivos decorativos, levaram este autor à procura de paralelos nas culturas do Neolítico final do Mediterrâneo oriental. Esta cerâmica — a «Importkeramik» dos autores alemães, não ocorrendo no Sudeste espanhol, indicaria contactos, não com essa área do Mediterrâneo, mas com o Egeu e a costa anatólica (Savory, 1968). Contudo, Paço só considerava as cerâmicas mais finas como realmente importadas, sendo rapidamente copiadas, através de exemplares mais grosseiros e de maiores dimensões, pelos artífices locais (Paço, 1958). Segundo revela neste artigo, G. Childe não estava de acordo com o termo «cerâmica importada», preferindo a designação de «cerâmica estrangeira», ou «oriental», ou tão somente de «inspiração do Próximo Oriente». Com efeito, até hoje não se recolheu, nesta finisterra da Europa, qualquer artefacto calcolítico, cerâmico ou outro, que indique ter sido realmente importado.

Muito pouco se sabe acerca da génese da metalurgia do cobre no Ocidente peninsular. Admitindo-se como possível o seu aparecimento como resultado de dinâmica e evolução próprias a esta região, haverá que rever os critérios até há pouco aceites, que davam este grupo cerâmico justamente originário daquela região, cujos portadores seriam os grupos de prospectores e metalurgistas do cobre, aqui desembarcados, no decorrer da primeira metade do III milénio a. C., em busca do precioso metal.

A terminar, refira-se que no povoado do Penedo de Lexim, apareceu associada à cerâmica decorada com sulcos largos e profundos

(Arnaud, 1974-77), facto que, dadas as condições específicas do achado, não permite grandes ilações (ver comentários em 3.8).

viii — cerâmica decorada interiormente — este grupo cerâmico, com uma distribuição aparentemente confinada à foz do Tejo, do Guadalquivir e à Província de Almería (Leisner, 1961), encontra-se associado ao grupo anterior, não só pelo tipo de recipientes em que ocorre (taças e pratos de bordo espessado interiormente, com pastas e acabamentos cuidados, semelhantes ao das taças caneladas), mas também pela técnica decorativa utilizada, constando igualmente de ténues caneluras, feitas com ponta romba. Aparece lado a lado com aquele grupo, no nível I do povoado da Parede (Paço, 1964).

Merece referência especial o padrão de círculos concêntricos; conhecem-se paralelos no povoado do Pedrão (Soares *et al.*, 1975) e em Vila Nova de S. Pedro, representados por H. Savory (1968), embora num e noutro caso, a decoração seja exterior.

III — Com o desenvolvimento da metalurgia do cobre e o estabelecimento de ligações com Los Millares, atinge-se o Calcolítico médio, representado pelos seguintes grupos:

ix — cerâmica decorada por impressões — motivos em «folha de acácia» e em «crucíferas», ocorrentes nos níveis médios do povoado da Rotura (Silva, 1971); encontra-se associada à:

x — cerâmica decorada por sulcos largos e profundos, produzidos possivelmente com a mesma ponta utilizada na execução dos dois motivos atrás referidos, dado ocorrerem por vezes no mesmo exemplar, onde ainda se podem observar nalguns casos motivos incisos a traço fino. A qualidade da cerâmica já não é tão boa como a dos grupos vii e viii, o que pode estar relacionado não só com a perda de uma tradição cultural, mas também com a própria finalidade dos recipientes; de facto, estes assumem formas diferentes e muito maiores dimensões, sendo característico o recipiente com paredes reentrantes e uma boca de pequeno diâmetro, deprimida, em que a altura maior do vaso era atingida no bojo, o qual apresenta por vezes furos de suspensão. O facto de não termos recolhido qualquer fundo plano, em Leceia, aliado aliás ao desconhecimento deste tipo de fundos no Calcolítico português, exceptuada a cerâmica campaniforme (Gallay *et al.*, 1972) e à existência de vaso completo, do castro do Penedo (Spindler *et al.*,

1970), leva-nos a rejeitar, como dissemos atrás, a reconstituição idealizada por Marques da Costa, em 1906, de vários destes vasos, por ele achados no castro de Chibanes, a qual terá certamente motivado H. Savory (1968), a integrá-los em período inicial da Idade do Bronze, com a designação de «loija de Chibanes». Curiosamente, não fazem parte do espólio das necrópoles construídas ou reutilizadas nesta altura, como a maior parte dos *tholoi*, por um lado e de algumas grutas naturais, artificiais e dolmens, por outro. A única excepção conhecida, parece ser o dos *tholoi* de S. Martinho de Sintra (Leisner, 1965). Para K. Spindler *et al.* (1970), tal facto justificar-se-ia, admitindo finalidade exclusivamente utilitária para este tipo de cerâmica, evidenciada, como atrás se disse, pelos grandes «vasos de provisões», sem qualquer significado nas cerimónias de carácter religioso.

IV — Tanto a cerâmica em «folha de acácia» e em «crucíferas», como a cerâmica decorada por sulcos largos e profundos, devem ter atingido o Calcolítico superior, a atentarmos na estratigrafia da Rotura (Silva, 1971), caracterizado pelo aparecimento da cerâmica campaniforme.

xi — o grupo campaniforme assume em Leceia características particularmente curiosas:

— permitiu a observação, num mesmo exemplar, da conjugação de várias características, umas pré-campaniformes, outras já campaniformes: trata-se de um fragmento de bordo de uma «taça de Palmela», de perfil característico, ostentando decoração por meio de sulcos largos e paralelos, na face externa (X, 122). Embora não se possa assegurar, por falta de indicações estratigráficas, a «idade campaniforme» deste artefacto, a sua simples presença, reforça, por si só, a ideia de origem local para a «taça de Palmela», já expressa por outros autores. De acordo com C. T. Silva (1971), as taças de bordo espessado interiormente, surgem logo no nível mais baixo do povoado da Rotura.

— o povoado pré-histórico de Leceia conheceu sem dúvida o auge no período imediatamente antecampaniforme (Calcolítico médio); disso são prova os abundantes artefactos a ele atribuídos. Contudo, em oposição a outros povoados congéneres, como o

da Rotura, Zambujal e Vila Nova de S. Pedro, os quais também atingiram o apogeu nesta altura, recolheram-se apenas restos de quatro recipientes com decoração «campaniforme», dos quais nenhum atribuível ao Campaniforme internacional, conforme seria de esperar, a atendermos aos resultados obtidos naqueles e outros povoados, nos quais, sempre que se manifesta forte ocupação do Calcolítico médio, é este estilo que predomina. Tal facto levou M. F. Santos *et al.* 1972), a admitirem a hipótese de ter a «taça de Palmela» vindo a desenvolver-se em momento posterior ao do Campaniforme internacional. O grupo do Campaniforme inciso, representado em Leceia por um bordo de Palmela e um outro fragmento (X, 120 e 121) — o terceiro e último da periodização proposta por M. F. Santos *et al.* (1972), bem como os dois anteriores — o grupo internacional e o grupo de Palmela, assim como as diversas formas e técnicas a que estão associados, têm sido, e continuam a ser, objecto de estudos de distribuição geográfica (Soares *et al.*, 1972, 1974-77; Leitão *et al.*, 1978).

A raridade e heterogeneidade do material «campaniforme» de Leceia indica claramente um abandono do local, o qual só seria visitado, de longe a longe, por pequenos grupos que aí permaneciam por pouco tempo.

V — Além dos grupos cerâmicos atrás referidos, cujas formas e tipos de decoração são características dos diversos estádios cronológico-culturais conhecidos pelos sucessivos habitantes do povoado pré-histórico, outros há, para os quais julgamos suficientes as considerações atrás feitas para cada um deles. Estão neste caso, os seguintes:

xii — cerâmica industrial, comportando as «queijeiras» e os «pesos de tear».

xiii — cerâmica simbólica, comportando diversos tipos:

- a cerâmica mamilada (nalguns casos);
- os recipientes decorados por motivos radiados;
- um «peso de tear», atrás referido.

xiv — cerâmica de «retícula brunida» da qual se recolheu apenas um exemplar (VII, 100) a atestar a ocupação, embora ligeira, do

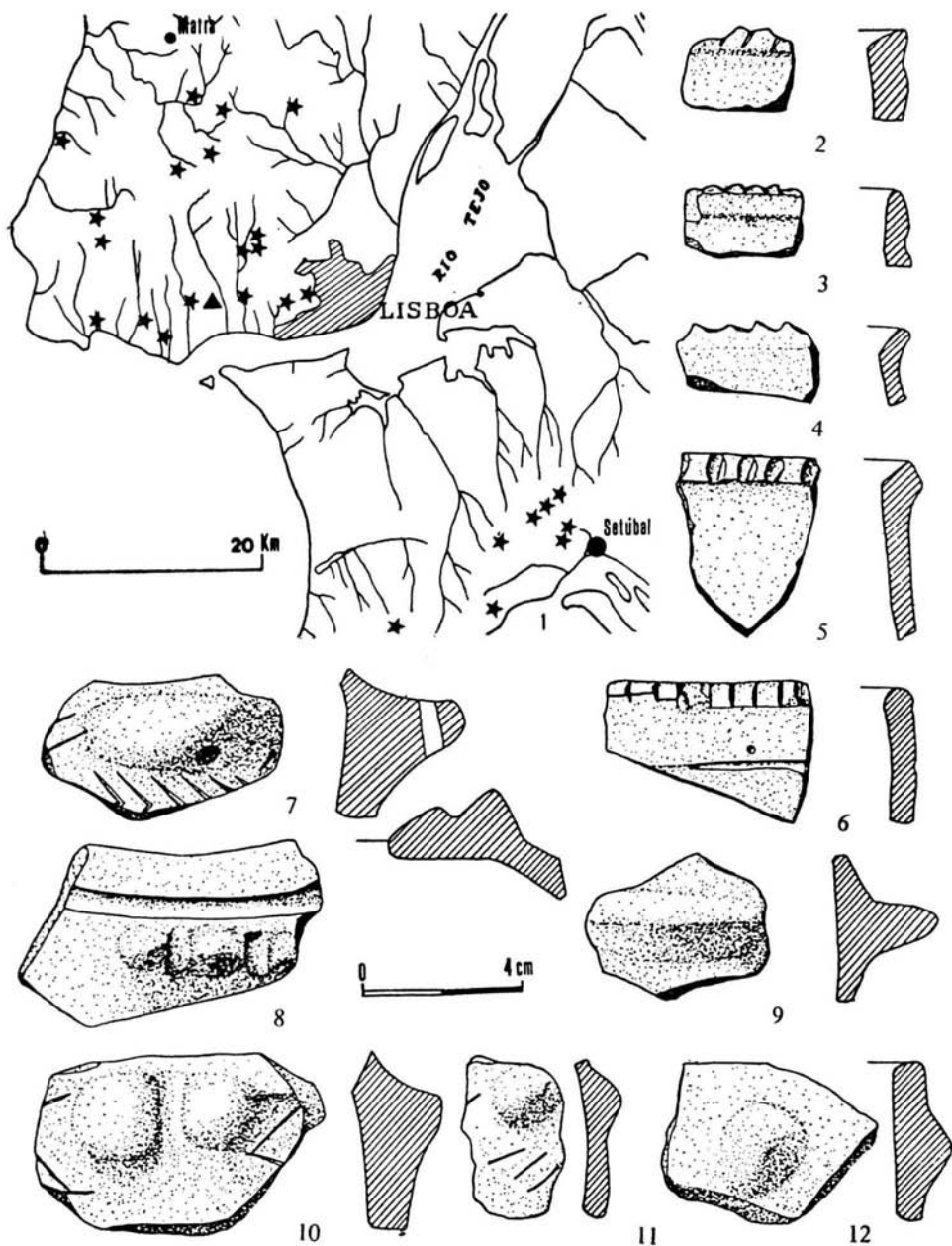
local, no final da Idade do Bronze, a exemplo de tantas outras pequenas ocorrências, dispersas pela região (Marques *et al.*, 1974).

xv — cerâmica moderna (IX, 114, 116 e 117), correspondendo à última ocupação do planalto, da qual temos, nas ruínas do moinho (da Moura ou do Pires?), um testemunho já sem vida.

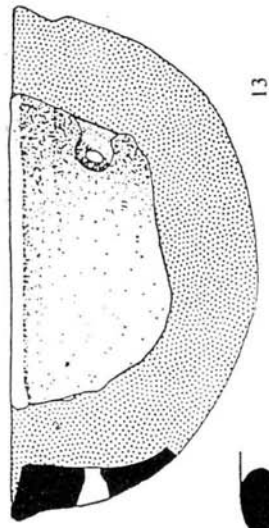
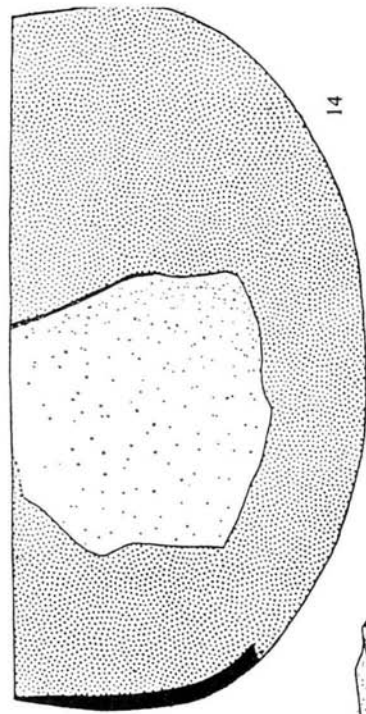
**

Terminam aqui as considerações que o espólio cerâmico da coleção de Brée nos proporcionou, acerca das etapas culturais conhecidas sucessivamente pelos já longínquos habitantes do planalto de Leceia. Estamos certos que muitas das incertezas com que nos defrontámos, seriam vantajosamente vencidas com escavações no local, as quais temos esperança que um dia venham a realizar-se.

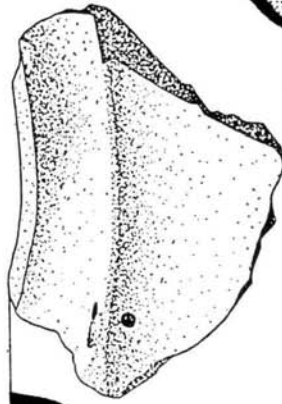
ESTAMPAS



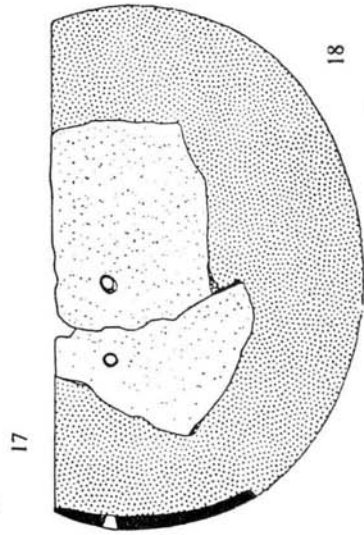
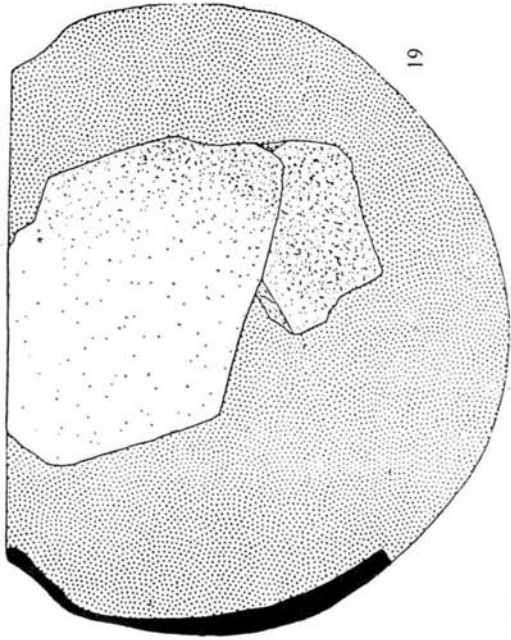
Est. I



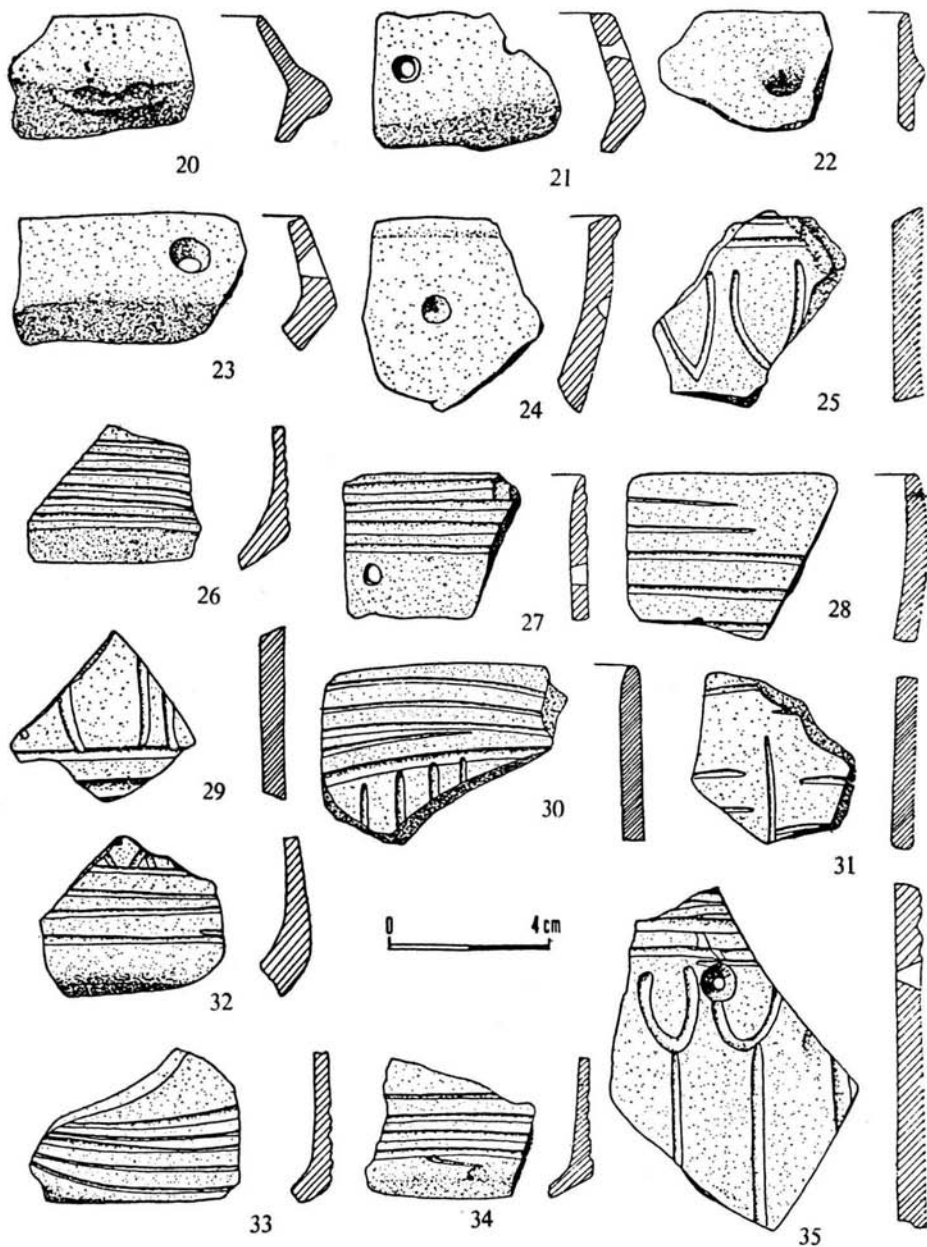
15



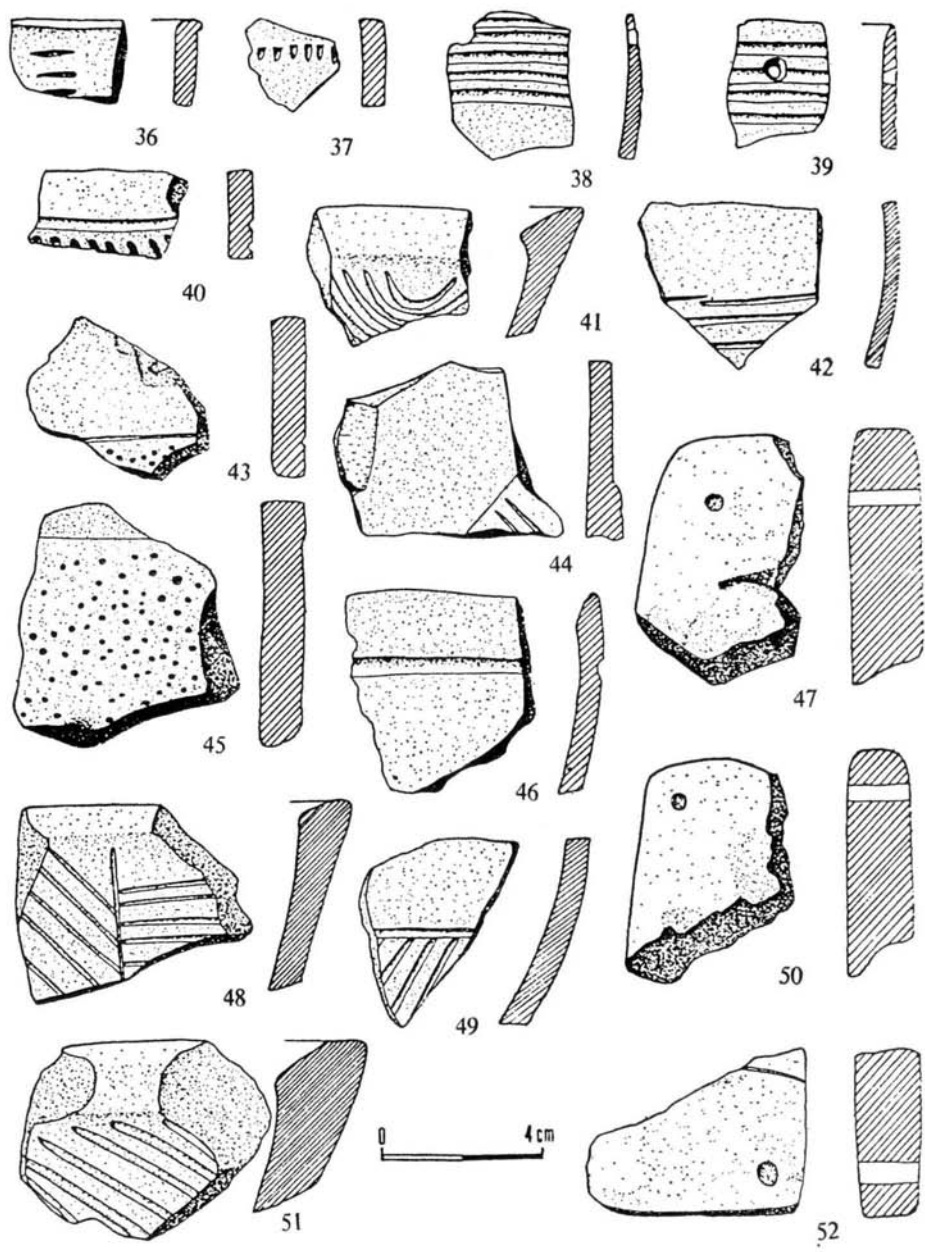
16



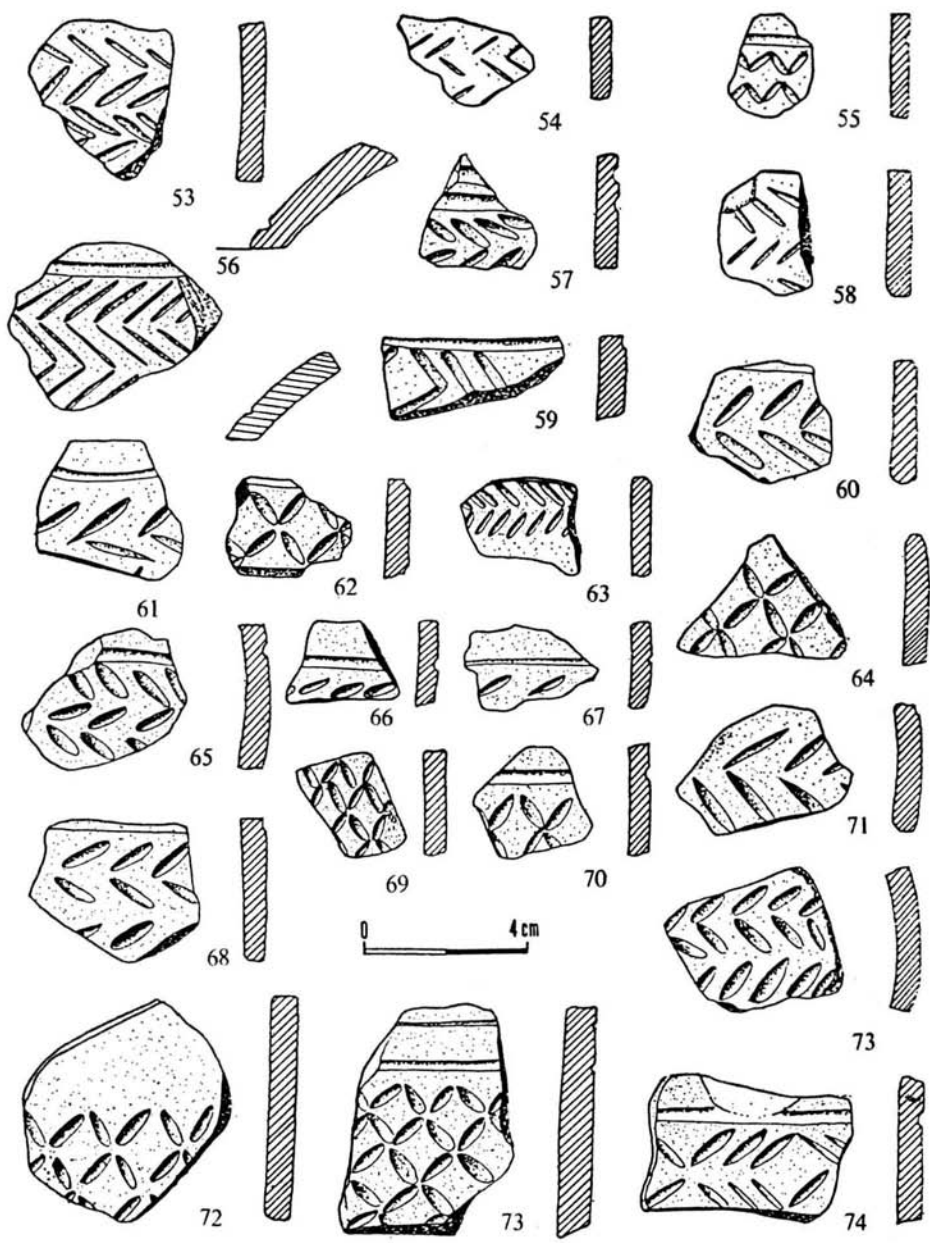
17



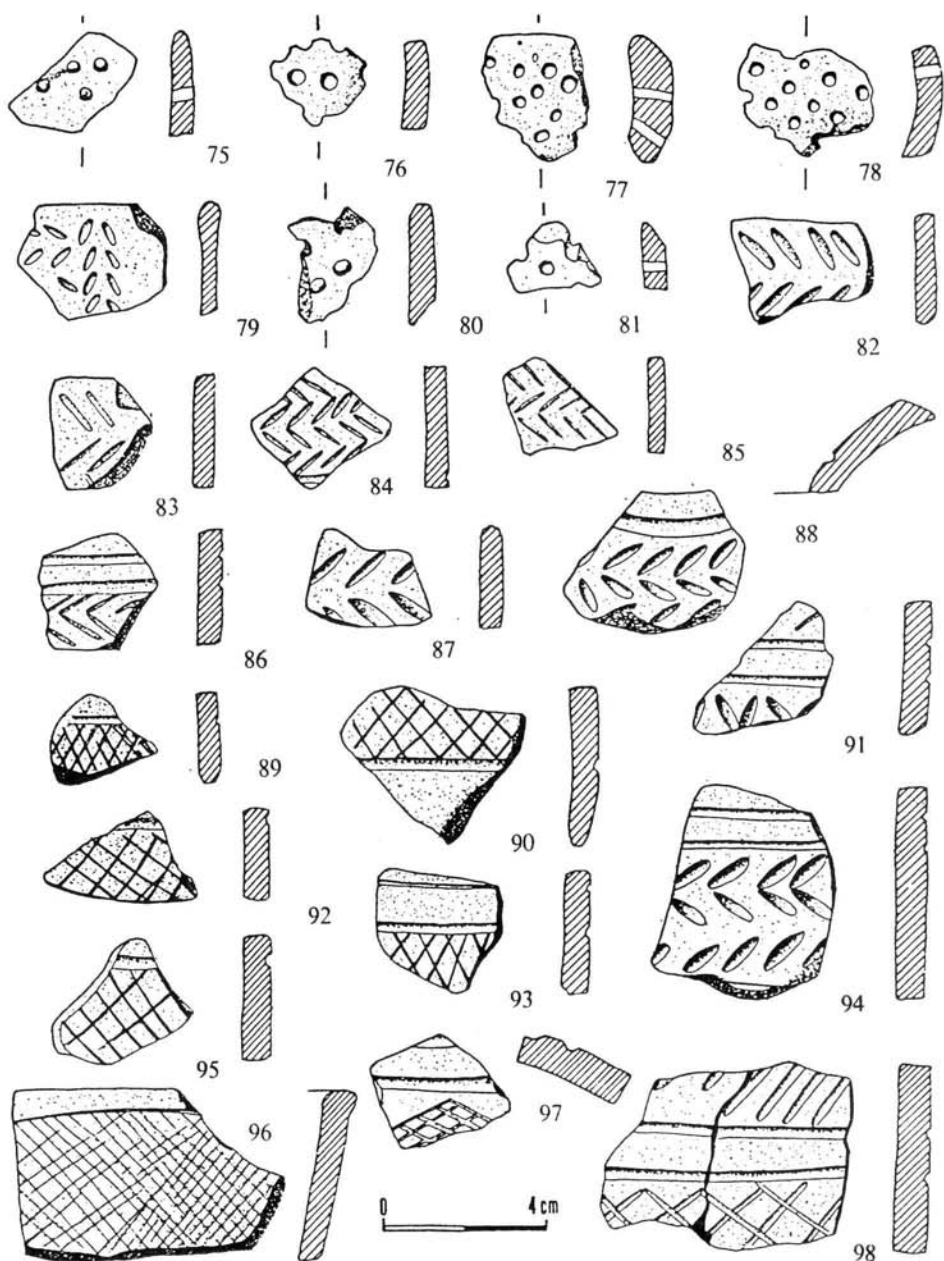
Est. III



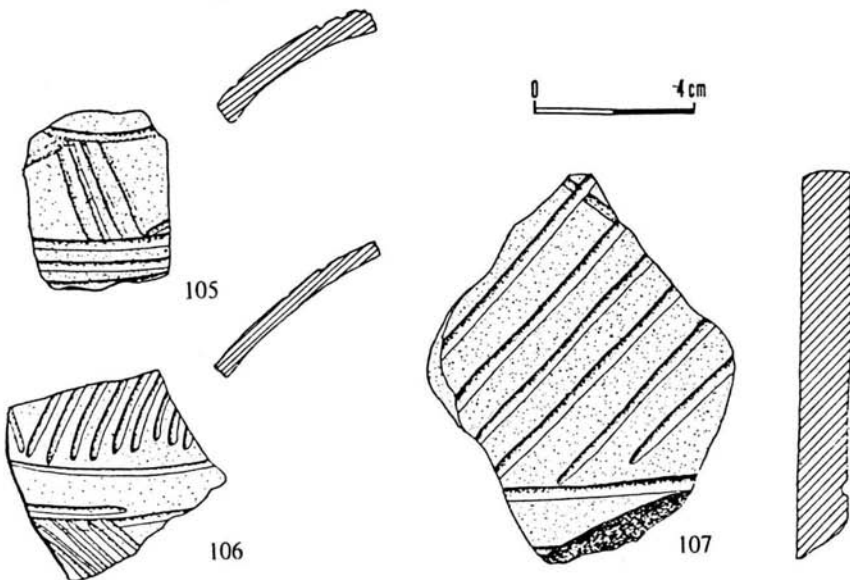
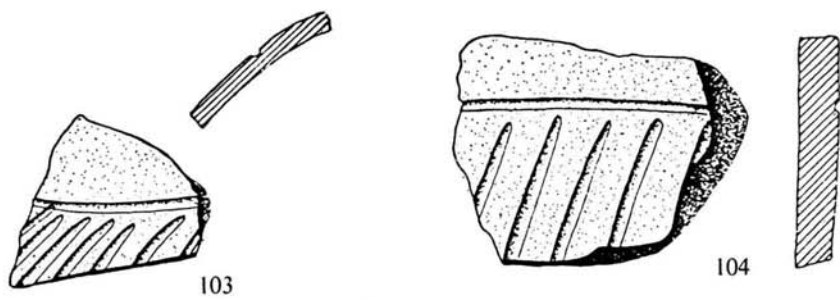
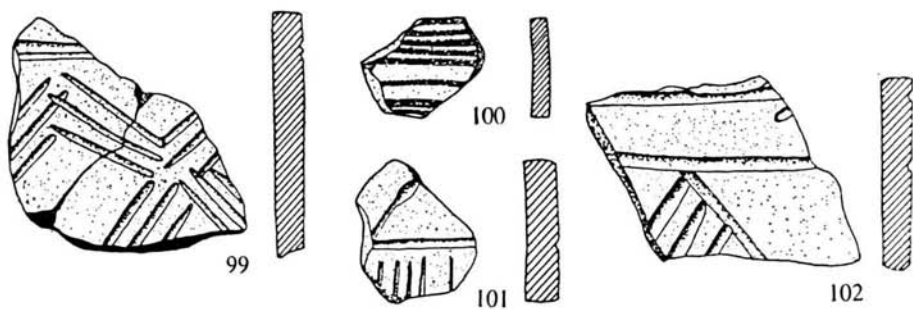
Est. IV



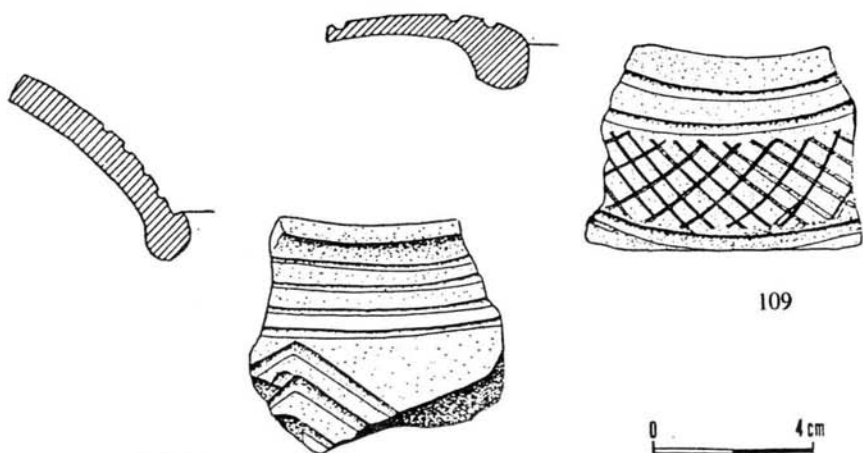
Est. V



Est. VI

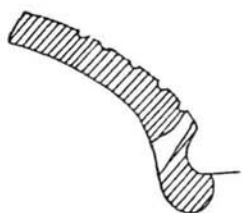
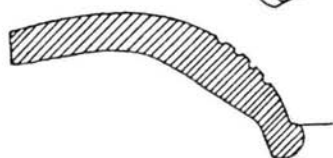


Est. VII

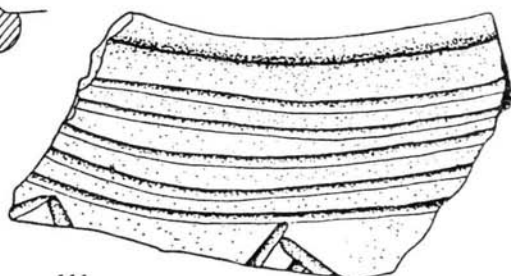


108

109

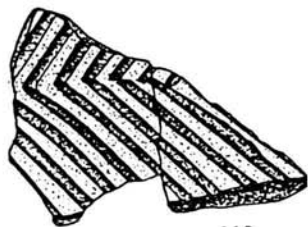


110

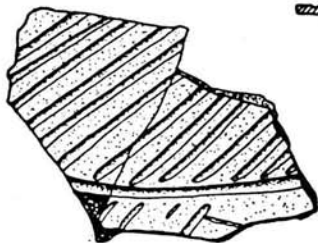


111

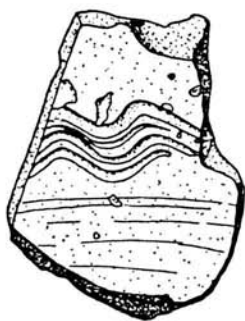
Est. VIII



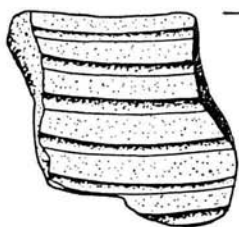
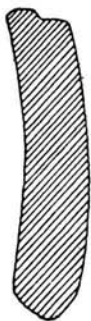
112



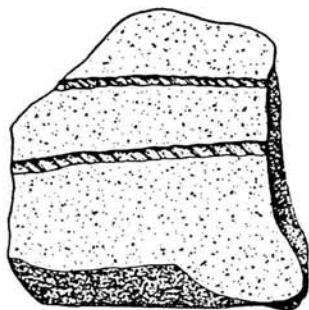
113



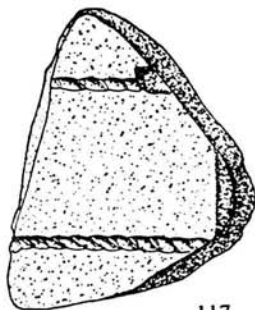
114



115



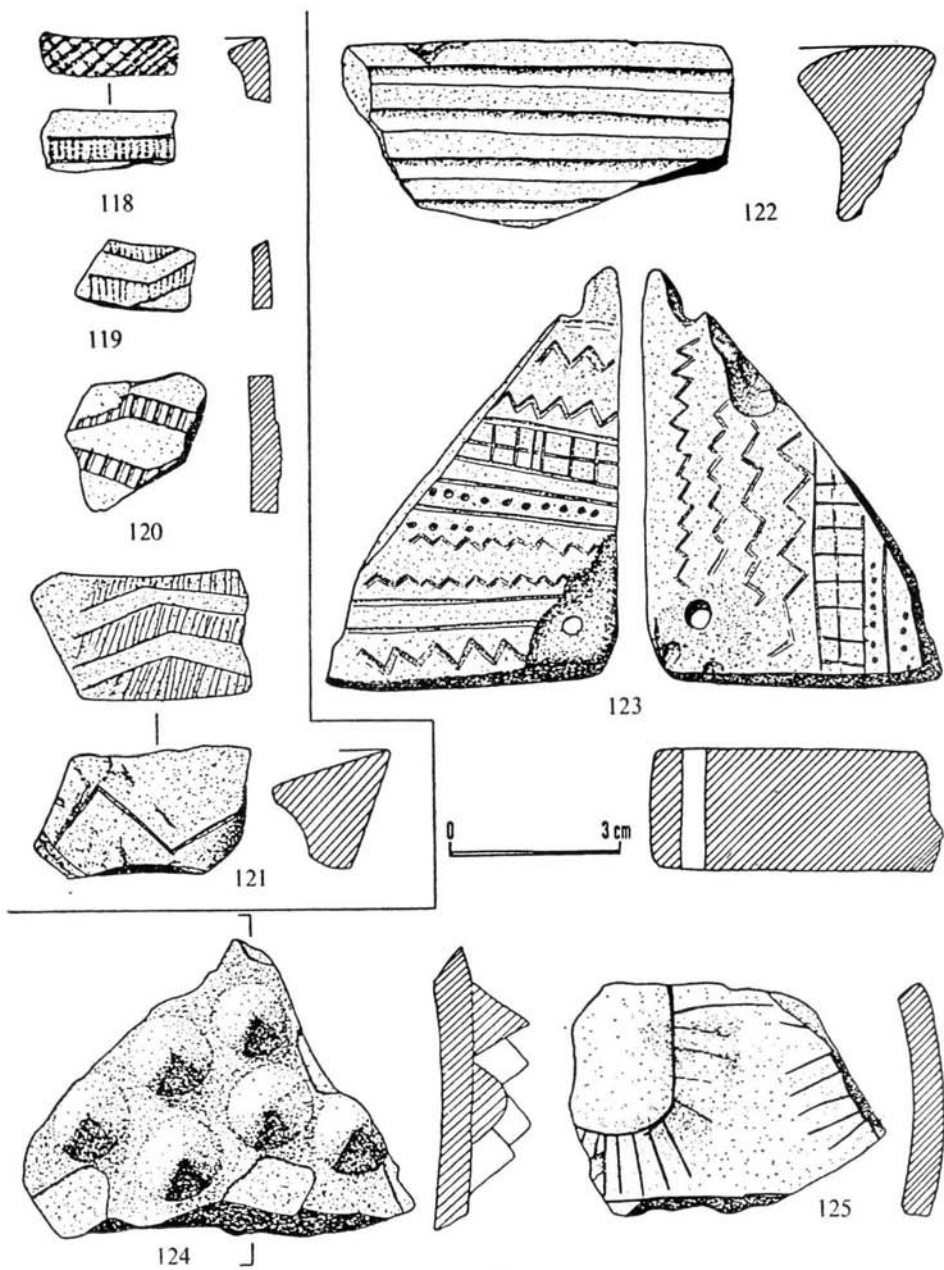
116



117



Est. IX



BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, G. M. e GOMES, J. J. F. (1959) — Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, Lisboa.
- ARNAUD, J. M. (1974-77) — Escavações no Penedo de Lexim (Mafra)/1975. Notícia preliminar. *Noticiário Arqueológico. O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. VII-IX, Lisboa.
- ARNAUD, J. M. e GAMITO, T. J. (1972) — O povoado fortificado neo- e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. VI, Lisboa.
- ARNAUD, J. M.; OLIVEIRA, V. S. e JORGE, V. de O. (1971) — O povoado fortificado neo- e eneolítico do Penedo de Lexim (Mafra). Campanha preliminar de escavações — 1970. *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. V, Lisboa.
- BELO, R.; TRINDADE, L. e FERREIRA, O. da V. (1961) — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV, Lisboa.
- BLANCE, B. (1959) — Cerâmica estriada. *Rev. Guimarães*, T. LXIX, fasc. 3-4.
- CARDOSO, J. L. (1979) — O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Port.*, Vol. XXI, fasc. 2-3, Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1980) — O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal) — Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1.ª parte. *Rev. Guimarães*, Vol. XC.
- CARDOSO, J. L. (1981) — O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal) — Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.ª parte. *Rev. Guimarães*, Vol. XCI.
- COSTA, A. I. M. da (1906) — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Castro de Chibanês. *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. XI, Lisboa.
- CORRÊA, A. M. e TEIXEIRA, C. (1949) — A jazida pré-histórica de Eira-Pedriña (Condeixa). *Mem. Serv. Geol. Port.*, Lisboa.

- CORREIA, V. (1914) — A exploração arqueológica da Serra das Mutelas (Torres Vedras). *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. XIX, Lisboa.
- DELGADO, J. F. N. (1884) — La grotte de Furninha à Peniche. *C.-R. 9ème Session Congr. Intern. Antrop. Arch. Préhist.* Lisboa (1880), Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. (1966) — La culture du Vase Campaniforme au Portugal. *Mem. Serv. Geol. Port.*, n.º 12 (N. S.), Lisboa.
- Idem* (1974) — Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LVIII, Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. e CASTRO, L. de A. e (1967) — O povoado neo-eneolítico das Salemas (Ponte de Lousa). *Rev. Guimarães*, T. LXXVII.
- FERREIRA, O. da V. e LEITÃO, M. (s/d) — Portugal Pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo. *Europa-América*, Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. e SILVA, C. T. da (1970) — A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Vol. II, Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. e TRINDADE, L. (1956) — La nécropole de Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Crónica del IV Congr. Intern. Ciênc. Prehist. y Protohist.*, Madrid (1954), Zaragoza.
- FRANÇA, C. e FERREIRA, O. da V. (1958) — Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXXIX, Lisboa.
- FURTADO, A.; MAURÍCIO, A. da S.; CÔRTEZ, V. e MONTEIRO, J. de A. (1969) — Lapa do Suão (Bombarral). *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. III, Lisboa.
- GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. e FERREIRA, O. da V. (1973) — O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã). *Assoc. Arq. Port.*, Lisboa.
- GONÇALVES, J. L. M. (1979) — O monumento pré-histórico da Praia das Maças. Arquitectura e cerâmica pré-campaniforme. *Bol. Cultural Ass. Distr. Lisboa*, S. III, n.º 85.
- GONÇALVES, J. L. M. e SERRÃO, E. da C. (1978) — O povoado do Calcolítico inicial do Alto do Dafundo/Linda-a-Velha). *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa.
- GONÇALVES, V. dos S. (1971) — O castro da Rotura e o vaso campaniforme. *Junta Distr. Setúbal*.
- Idem* (1978) — A neolitização e o megatitismo da região de Alcobaça. *Secretaria de Estado da Cultura*, Lisboa.
- GUILAINE, J. (1970) — Néolithique ancien de la Méditerranée occidentale et chronologie absolue. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Vol. II, Lisboa.
- HELENO, M. (1942) — Gruta artificial de Ermegeira. *Ethnos*, Vol. II, Lisboa.
- JALHAY, E. e PAÇO, A. do (1941) — A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Acad. Port. Hist.*, S. I, Vol. IV, Lisboa.
- JORGE, S. O. (1979) — Contribuição para o estudo de materiais provenientes de estações neolíticas dos arredores da Figueira da Foz *Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Porto (1978). *Trab. Grupo Est. Arq. Porto*, n.º 3.

- LEITÃO, M.; NORTH, T. e FERREIRA, O. da V. (1973) — O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Vol. I, Lisboa.
- LEISNER, G. e V. (1951) — Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal. *Inst. Alta Cult.*, Lisboa.
- LEISNER, V. (1961) — Vasos eneolíticos decorados no interior. *Rev. Guimarães*, Vol. LXX, fasc. 3-4.
- Idem* (1965) — Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel — Der Westen. *Madri der Forschungen*, Bd. III, Berlin.
- LEISNER, V. e FERREIRA, O. da V. (1959) — Os monumentos megalíticos de Trigache e A-da-Beja. *Actas e Memórias do I Congr. Nac. Arq.*, Vol. I, Lisboa (1958).
- Idem* (1961) — Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja. Notas biográficas de Carlos Ribeiro, por A. Ribeiro Ferreira. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV, Lisboa.
- LEISNER, V.; Paço, A. do e RIBEIRO, L. (1964) — Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril. *Ed. subs. Fund. C. Gulbenkian*, Lisboa.
- LEISNER, V. e SCHUBART, H. (1966) — Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madri der Mitteilungen*, n.º 7, Heidelberg.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da V. (1961) — Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme. *Mem. Serv. Geol. Port.*, n.º 8 (N. S.), Lisboa.
- Idem* (1969) — Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casafinhos. *Mem. Serv. Geol. Port.*, n.º 16 (N. S.), Lisboa.
- MARQUES, G. e ANDRADE, G. M. (1974) — Aspectos da Proto-História do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congr. Nac. Arq.*, Vol. I, Porto.
- MONTEAGUDO, L. (1966) — Versuch einer Chronologischen gliederung der Portugiesischen Kupferzeit. *Madri der Mitteilungen*, n.º 7, Heidelberg.
- PAÇO, A. do (1940) — Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro. *Comunic. apresent. I Congr. Mundo Port.* (In *Trab. Arq. A. do Paço*, Vol. II, ed. Assoc. Arq. Port., Lisboa, 1971).
- Idem* (1941) — As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXII, Lisboa.
- Idem* (1955) — Necrópole de Alapraia. *Anais Acad. Port. Hist.*, S. II, Vol. VI, Lisboa.
- Idem* (1958) — Castro de Vila Nova de S. Pedro — X — Campanha de escavações de 1956 (20.ª). Aditamento — campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 — 16.ª, 17.ª e 18.ª. *Anais Acad. Port. Hist.*, S. II, Vol. VIII, Lisboa.
- Idem* (1959) — Castro de Vila Nova de San Pedro — X — Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. *Ampúrias*, Vol. XXI.
- Idem* (1964) — Castro de Vila Nova de S. Pedro — XIV — Vida económica. XV — O problema campaniforme. XVI — Metalurgia e análise espectrográficas. *Anais Acad. Port. Hist.*, S. II, Vol. XIV, Lisboa.
- Idem* (1964) — O povoado pré-histórico da Parede. Ed. Câmara Municipal de Cascais.

- PAÇO, A. do e JALHAY, E. (1939) — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanha de escavações — 1937 e 1938. *Brotéria*, Vol. XXVIII, fac. 6 e Vol. XXIX, fascs. 1, 4 e 5. (In *Trab. Arq. A. do Paço*, Vol. I, ed. Assoc. Arq. Port., Lisboa, 1970).
- Idem* (1942) — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações — 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, Volume XXXIV, fasc. 6, Lisboa.
- Idem* (1943) — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Nota sobre a 6.ª campanha — 1942. *Brotéria*, Vol. XXXVII, fasc. 1, Lisboa.
- PAÇO, A. do; JALHAY, E. e RIBEIRO, L. (1945) — Estação pré-histórica de Montes Claros. *Revista Municipal*, n.º 20 e 21, Lisboa.
- PAÇO, A. do; LEISNER, V.; Trindade, L.; SCHUBART, H. e FERREIRA, O. da V. (1964) — Castro do Zambujal (Torres Vedras). *Bol. Cult. Junta Distr. Lisboa*, n.º 61, 62.
- PAÇO, A. do e SANGMEISTER, E. (1956) — Vila Nova de S. Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Germania*, Vol. XXIV.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G. (1974) — Gruta da nascente do rio Almonda. *Trab. Antr. Etnolog.*, Vol. XI, Porto.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da V. (1971) — Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LV, Lisboa.
- PEREIRA, F. A. (1914) — Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. XIX, Lisboa.
- Idem* (1915) — Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. XX, Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1880) — Estudos Prehistoricos em Portugal. Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos. *Memória apresentada à Acad. Ciênc. Lisboa*, Lisboa.
- RIBEIRO, L. e SANGMEISTER, E. (1967) — Der Neolitische Fudplatz von Pos-, sanc. *Madriider Mitteilungen*, n.º 8, Heidelberg.
- SÁ, M. C. de (1959) — A lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congr. Nac. Arq.*, Vol. I, Lisboa (1958).
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. e TRINDADE, L. (1966) — Escavações no castro eneolítico do Zambujal (Torres Vedras — Portugal) — 1964. *Ed. Câmara Municipal de Torres Vedras*.
- SANTOS, M. F. dos e FERREIRA, O. da V. (1969) — O monumento neolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. III, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos; SOARES, J. e SILVA, C. T. da (1972) — Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão — Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. VI, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos; SOARES, J. e SILVA, C. T. da (1974) — O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado — Torrão). Primeira notícia. *Actas do III Congr. Nac. Arq.*, Vol. I, Porto.
- SAVORY, H. N. (1968) — Spain and Portugal. Col. Ancient Peoples and Places. *Thames & Hudson*, Londres. Com tradução portuguesa, *Verbo*, Lisboa.
- Idem* (1970) — A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, Vol. I, Lisboa.

- SERRÃO, E. da C. (1979) — Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português. Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal, Porto (1978). *Trab. Grupo Est. Arq. Porto*, n.º 3.
- SERRÃO, E. da C. e MARQUES, G. (1971) — Estrato pré-campaniforme da lapa do Fumo. *Actas do II Congr. Nac. Arq.*, Coimbra.
- SERRÃO, E. da C. e VICENTE, E. P. (1958) — O castro neolítico de Oleas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXXIX, Lisboa.
- SILVA, C. T. da (1971) — O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica, *Actas do II Congr. Nac. Arq.*, Vol. I, Coimbra.
- SILVA, C. T. da e SOARES, J. (1976/77) — Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, Vol. II-III.
- Idem* (1978) — Uma jazida do Bronze final na Cerradinha (Lagoa de St.º André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, Vol. IV.
- SOARES, J.; BARBIERI, N. e SILVA, C. T. da (1972) — Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela). *Arqueologia e História*, S. IX, Vol. IV, Lisboa.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. da (1974/77) — O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. III, Vol. VII-IX, Lisboa.
- Idem* (1975) — A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, Vol. I.
- Idem* (1979) — Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo litoral. Actas da I Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal, Porto (1978). *Trab. Grupo Est. Arq. Porto*, n.º 3.
- SPINDLER, K. (1971) — Eine Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo — Portugal. *Madriider Mitteilungen*, n.º 12, Heidelberg.
- SPINDLER, K; CASTELO BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da V. (1973/74) — Le monument à coupole de l'âge du Bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LVII, Lisboa.
- VAULTIER, M e ZBYSZEWSKI, G. (1951) — Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos). *Trab. Antrop. Etnolog.*, Vol. XIII, fasc. 1-2, Porto.
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O. da V. (1958) — Estação pré-histórica da Penha Verde. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXXIX, Lisboa.

Trabalho depositado em 1981